

DOM WASHINGTON CRUZ, CP
ARCEBISPO METROPOLITANO DE GOIÂNIA

O ESPÍRITO SANTO, A IGREJA E A LITURGIA

2º ano de preparação para o Sínodo Arquidiocesano

Goiânia-GO
2010

Queridos irmãos e irmãs:

1. O Apocalipse termina com um diálogo impressionante e amoroso entre a “esposa”, que é a Igreja, animada pelo Espírito Santo, e o seu Esposo no Céu. Nessa perspectiva, começo esta Carta associando-me à invocação que, segundo o Apocalipse, é o suspiro mais profundo suscitado na história pelo Espírito Santo: **“O Espírito e a Esposa dizem: ‘Vem!’”** (Ap 22, 17).
2. Entrego-vos esta Carta Pastoral por ocasião da Páscoa e em vista da preparação para o nosso Sínodo Arquidiocesano. Desejo, nela, continuar aprofundando nossa meditação sobre o **mistério da Igreja, tema central para o Sínodo**, bem como, em clima de oração, fazer uma reflexão sobre o Espírito Santo, alma da Igreja. Desejo, ainda, apresentar algumas pistas de reflexão e de ação sobre a Sagrada Liturgia, tema deste segundo ano de preparação para o Sínodo. *“Com efeito, o que é a Liturgia, senão a voz uníssona do Espírito Santo e da Esposa, a santa Igreja, que bradam ao Senhor Jesus: “Vem!”?”* (Spiritus et Sponsa, João Paulo II).
3. A presente Carta Pastoral é publicada sob a grande alegria de receber, por mercê de Deus e da Igreja, um Bispo Auxiliar. **Dom Waldemar Passini Dalbello, irmão colaborador no pastoreio desta Arquidiocese**, será um auxílio fecundo que em muito estreitará os laços de unidade em nossa vida eclesial. Ele escolheu como lema **“Congregare in unum” (Congregar na unidade)**, missão principal de todo bispo. Torna-se, comigo, a imagem do Pastor que dá a vida pelas ovelhas, que oferece o seu ministério sacerdotal para servir ao ministério episcopal. Ou, conforme a bela expressão de Santo Inácio de Antioquia, *“o Bispo é como a imagem de Deus Pai”*. A nomeação de um bispo passa, necessariamente, pela

mediação humana, mas é fruto, sobretudo, da ação do Espírito Santo e da vontade do Senhor, cuja expressão inequívoca é a nomeação por parte do Papa. É certo: *“A voz do Senhor chama como aos Doze na primeira hora da pregação do Reino: Vem e Segue-me”*. Agradeço ao Santo Padre, o Papa Bento XVI, por me ter dado o auxílio de que tanto necessitava. Agradeço, ainda, a Dom Waldemar por ter aceitado partilhar comigo da graça e da cruz do episcopado.

4. Na alegria e na corresponsabilidade na missão, a Igreja, com seus pastores, continuará a enfrentar, com a luz do Ressuscitado, os grandes desafios do mundo em que nos encontramos. Aparece-nos, também, como pano de fundo em nossa vida eclesial, a celebração providencial do Ano Sacerdotal e a jubilosa celebração, bem próximo de nós, do XVI Congresso Eucarístico Nacional, em Brasília, no qual estaremos presentes para pedir: *“Fica conosco, Senhor!”* (cf. Lc 24,29).

1 - IMERSOS NO MISTÉRIO DE CRISTO

5. **“O amor de Cristo nos impele”, afirma o Apóstolo Paulo (2Cor 5,14).** Muita gente aclamou a Cristo como profeta. Queriam fazê-lo rei. Muitos tinham entendido que havia sido mandado por Deus porque as suas obras o demonstravam e alguns aceitaram os seus ensinamentos como Mestre, porque *“Tu tens palavras de vida eterna”* (Jo 6,68). Por meio dos sacramentos da Igreja, sem dúvida, não nos limitamos a contemplar as obras e as palavras de Jesus: a sua própria vida é infusa em nosso espírito e nós vivemos graças a ela. Cristo, encarnando-se, fez com que os homens acolhessem a Boa Nova como uma grande novidade e a vivessem com uma experiência pessoal. *“Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim”* (Gl 2,20).

6. **A vida cristã é um dom e, ao mesmo tempo, um chamado gratuito de Deus.** Passamos a fazer parte dela graças ao santo batismo que transforma a nossa natureza pecadora em justa, nossa natureza exilada em natureza de filhos de Deus. A vida da graça nos permite participar, por meio de Cristo, da própria natureza de Deus (cf. *Pd 1,4*). Enquanto vida participada, é chamada a crescer até alcançar a idade adulta em Cristo, a maturidade de compreensão e de virtude, a plenitude da graça e a gloriosa união mística com Jesus. Essa vida em crescimento é irrigada pelas fontes de água viva que jorram do seu seio, isto é, do Espírito que desce sobre todos aqueles que creem verdadeiramente no Senhor e se identificam com Ele. Belíssima é a forma teológica como o Concílio sintetiza a presença de Cristo na história humana: *“O Eterno Pai, pelo libérrimo e arcano desígnio da sua sabedoria e bondade, criou todo o universo. Decretou elevar os homens à participação na vida divina. E, caídos em Adão, não*

os abandonou, oferecendo-lhes sempre os auxílios para a salvação, em vista de Cristo, Redentor, 'que é a imagem de Deus invisível, o primogênito de toda a criatura', sempre lhes concedeu os auxílios para se salvarem. A todos os eleitos, o Pai, desde a eternidade, "conheceu e predestinou a serem conformes à imagem de seu Filho, para que ele fosse o primogênito entre muitos de irmãos" (LG 2).

7. Assim como Cristo foi tentado e lutou contra o espírito do mal e as forças do mundo, também aquele que crê toma parte de uma batalha espiritual, que se combate não só contra a carne e o sangue, mas também contra os espíritos malignos que assediam a mente, fazem pressão sobre a vontade e colocam uma infinidade de obstáculos no caminho de quem foi chamado ao seguimento de Cristo. Não se pode crescer na graça sem esforço. Basta ler as condições e as exigências que Cristo põe aos seus discípulos: deixar o mundo, as riquezas e as próprias paixões (cf. *Lc 9,57-62*). Nada melhor do que **um programa de verdadeira ascese para nos dispor à escuta das palavras de Cristo e entendê-las, para modificar a nossa vontade e deixar-nos arrastar pelo amor de Deus, percebido como força irresistível no íntimo do nosso ser.** O Espírito do Senhor virá, assim, em auxílio do nosso espírito para encher com dons místicos os abismos da impotência humana.
8. **Cristo cresce dentro de nós na mesma medida em que nós crescemos na sua graça.** Por esse motivo, o objetivo primário e fundamental da comunidade eclesial e, em particular, de todo batizado é a santidade dos filhos de Deus. Na perspectiva do nosso Sínodo, nossa Igreja não pretende nada mais do que participar da vida de Cristo e crescer por meio das obras do bem. Trata-se do programa que os Padres da Igreja chamam de *viver em Cristo* e que foi relançado por João Paulo II na Carta Apostólica *Início do Novo Milênio*.

Dois anos antes, na Exortação Apostólica *Ecclesia in America*, João Paulo II destacou que *“o encontro pessoal com o Senhor, se for autêntico, trará também consigo a renovação eclesial: as Igrejas particulares do Continente, como Igrejas irmãs e vizinhas entre si, aumentarão os vínculos de cooperação e de solidariedade, para prolongar e tornar mais incisiva a obra salvadora de Cristo na história da América”*.

Na intimidade com o Pai

9. **Na base da nossa relação com Deus está a intimidade:** nós nos sentimos filhos envolvidos de maneira vital com os pensamentos, os interesses e a lógica de Deus Pai, como se existisse uma espécie de genética espiritual. Não se trata de respeitar a lei escrita em tábuas ou ditada pelos mestres, mas aquela impressa no coração do homem, aquela que não ameaça de morte a pessoa de fé, mas a guia graças à contagiosa e generosa força geradora do amor paterno. O misterioso segredo que está na base das vidas heróicas dos grandes santos é a descoberta e a experiência deste amor. Se conseguirmos fazer esta experiência, teremos condição de realizar aquela singular missão que a Divina Providência quis confiar à nossa Arquidiocese. Com isso, geraremos, sem dúvida, cristãos renovados, empenhados e capazes de curar a nossa sociedade que sofre com tantos males. Na verdade, *“ser cristão não é uma carga, mas um dom: Deus Pai nos abençoou em Jesus Cristo, seu Filho, Salvador do mundo”* (DA 28).
10. **Esta é a grande novidade trazida por Jesus Cristo e a Sua Boa Nova: “vosso Pai”, introduzindo o ser humano numa profunda intimidade com Deus Pai.** Deus é Pai e nos ama com amor eterno. *“Quem de vós, sendo pai, se o filho lhe pedir um peixe, em vez do peixe lhe dará uma serpente?”* (Lc 11,11).

“Não tenhas medo, pequenino rebanho, pois foi do agrado do vosso Pai dar-vos o Reino!” (Lc 12,32). “Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o teu nome” (Lc 11,2). “Ora ao teu Pai que está lá, no segredo; e o teu Pai, que vê no segredo, te recompensará” (Mt 6,6). Quem nunca chorou, ouvindo e meditando a parábola do pai misericordioso e do filho pródigo? (cf. Lc 15,11 ss).

11. A Conferência de Aparecida proclama a **íntima relação de amor e de fidelidade da Igreja a Jesus Cristo**, *“Verbo de Deus feito carne, Caminho, Verdade e Vida dos homens e das mulheres aos quais abre um destino de plena justiça e felicidade. Ele é o único Libertador e Salvador que, com sua morte e ressurreição, rompeu as cadeias opressivas do pecado e da morte, revelando o amor misericordioso do Pai e a vocação, dignidade e destino da pessoa humana” (DA 6).*

12. **Na base da vida e dos sentimentos de Cristo** há um elemento fundamental, ponto essencial da sua pregação: *“Não sabíeis que eu devo ocupar-me das coisas de meu Pai? Mas eles (Maria e José) não compreenderam a palavra que lhes dissera” (Lc 2,49).* Cristo funda a sua ação e missão, a sua segurança e alegria na busca e no cumprimento da vontade do seu Pai. Durante o dia está no meio dos homens, mas de noite se retira em oração. A Paixão e a Morte são a grande prova, o amargo cálice que o Pai lhe apresentou que o Filho aceita com obediência até a sua humilhante morte na cruz. Ali, mesmo sentindo-se abandonado por Deus, consegue superar todos os seus temores e dores mortais, aceitará o cálice pela nossa salvação e o beberá até entregar sua alma nas mãos do Pai (cf. Lc 22, 42; 23, 46).

No caminho da Cruz

13. Cristo abre um caminho e nos convida. Ao longo da história, a vida da graça em Cristo foi apresentada por meio de imagens diferentes: “escola de Deus”, “família de Deus” etc. A forma que o próprio Cristo sugere no evangelho é aquela do seu seguimento. Deixa as suas pegadas por primeiro e nos indica onde colocar os pés: *“Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz cada dia e siga-me”* (Lc 9,23). Este caminho se compõe de vários capítulos, sintetizáveis na cruz, no ato de abraçar a cruz e no seguimento dos passos de Jesus. O caminho de *“toda a vida de Jesus foi cruz e martírio”* (Imitação de Cristo LV. 2 c.12.n.3).
14. **A cruz é a renúncia de si mesmo, obediência, humildade, generosidade, implica em carregar os fardos do irmão e na luta espiritual contra a carne, o demônio e o mundo, buscando a santificação das diversas circunstâncias da vida.** A cruz atravessa toda a vida e sua conclusão é a morte. Para Jesus foi o sinal do seu amor obediente ao Pai. Para nós é a síntese da nossa fidelidade e identificação com Ele. Como proclamou São Paulo, nada nos gloria *“a não ser da cruz de Jesus Cristo, nosso Senhor: ele é a nossa salvação, vida e ressurreição. Por meio dele fomos salvos e libertos”* (Gl 6,14). Vive-se a Cruz. Ela nos transforma a partir das consciências, na solidão de um leito de enfermo ou ancião, na fadiga daquele que dedica a sua jornada à família, na dificuldade daqueles que puseram a sua vida a serviço da Igreja. A cruz abre-nos às riquezas de Cristo e a porta do céu. Nós, discípulos do Senhor, queremos descobrir sempre mais o valor da cruz.
15. **O Evangelho propõe-nos seguir Cristo com sentimentos filiais para com o Pai, aceitando e suportando a cruz como regra de vida, com o coração cheio de caridade.** O seguimento

de Cristo, em suas linhas mestras, está contido nas bem-aventuranças. Ali encontra-se o mais sublime enunciado da vida, motivação e programa da própria vida de Cristo. O batizado, seguindo Cristo, Caminho, Verdade e Vida, alcança, assim, a fonte da sua felicidade mais íntima e total.

2 - IMERSOS NO MISTÉRIO DA IGREJA

16. Não podemos determinar com precisão o nascimento da Igreja, pois alguns teólogos fazem-na nascer no Cenáculo, com a instituição da Eucaristia e do Sacerdócio; outros, na cruz, com a morte de Cristo e com o sangue e com a água que brotaram do seu lado aberto, que simbolizam o Batismo e a Eucaristia. Outros, no Domingo de Páscoa quando Jesus aparece aos onze Apóstolos, reunidos no Cenáculo, lhes concede uma primeira efusão do Espírito e lhes dá o poder de perdoar os pecados; outros, finalmente, situam o nascimento da Igreja no dia de Pentecostes, quando o Espírito desceu como línguas de fogo sobre Maria e os Apóstolos. De um modo ou de outro, **a Igreja tem um nascimento pascal**, uma origem vinda do mistério pascal, que nasce na Ceia, passa pela Cruz, começa a florir na Páscoa e tem o seu cume em Pentecostes.
17. **Cada momento é nascimento de algo novo que constitui a Igreja.** Todos, no seu conjunto, fazem-na nascer, como Povo de Deus, como Corpo de Cristo, como Esposa de Jesus, como Templo vivo do Espírito Santo. Cristo vive e sustenta a Igreja. Ele *“é o Senhor!”* (Jo 21,7), exclamaram os apóstolos quando O viram novamente após a ressurreição. Milhões de homens e mulheres perceberam em suas vidas e na vitalidade da Igreja a presença ativa de alguém que vive e se encontra no meio de nós. Esta é uma experiência oferecida a quem se abre ao Senhor e o acolhe em sua vida. Milhares de pessoas, ao longo dos séculos, derramaram seu sangue por este Senhor vivente; muitos milhões abandonaram os seus bens e até a família, consagrando-se ao exclusivo e radical serviço de Deus; muitos milhões levaram a mensagem e a força do Senhor para cada recanto da terra, oferecendo a salvação a quantos creem e se fazem batizar.

18. O próprio Senhor construiu a sua Igreja à imagem do seu Corpo: **o Espírito Santo é a sua alma, Jesus sua cabeça e nós somos os membros.** Como os ramos das árvores, recebemos dele a linfa que nos torna felizes e cheios de expectativas, capazes de comunicar a fé, a esperança e o amor. **Enxertados nele, realizamos obras de santidade e de serviço,** testemunhamos a sua presença no meio de nós e sentimos que *“na esperança fomos salvos”* (Rm 8,24).
19. **Cristo purifica continuamente a sua Igreja** das obras mortais realizadas pela carne; ele a santifica, dotando-a de uma nova personalidade e distinguindo-a com o sinal da glória também na sua existência terrena. Cristo mesmo ensina através das palavras daqueles que o *“Espírito Santo enviou e constituiu como guardiães para pastorear a Igreja de Deus”* (At 20,28). A Igreja é a esposa fiel, sempre pronta para ouvir a voz do Espírito de Cristo.
20. **Cristo doa vitalidade à comunidade dos batizados** e a faz crescer espiritualmente, comunica um conhecimento místico às almas puras, dá força aos mártires, sustenta os apóstolos na fé. Ele está perto do sacerdote, das pessoas consagradas, dos cônjuges e pais crentes, daqueles que prestam serviço na Igreja e na sociedade humana. A meta da Igreja que reza, contempla, trabalha, sofre e morre é a imagem permanente do reino de Deus que já começou e está transformando o nosso mundo. Para edificar este corpo místico, ele *“estabeleceu alguns como apóstolos; outros profetas, outros doutores...”* conforme os carismas com os quais enriquece e governa a Igreja (1Cor 12,28).
21. Desejo recordar, aqui, a Declaração da Congregação para a Doutrina da Fé, *Dominus Iesus*: *“A Igreja é sacramento universal de salvação, porque, sempre unida a Jesus Cristo Salvador,*

sua Cabeça e a ele subordinada, tem no plano de Deus uma relação estreita com a salvação de cada homem” (nº 20). **Pela Igreja, cada um incorpora-se a Cristo pelo Batismo** e consolida esta incorporação constantemente “através da participação no perpétuo sacrifício eucarístico, sobretudo na sua forma plena que é a comunhão sacramental. Podemos afirmar não só que cada um de nós recebe Cristo, mas também que Cristo recebe cada um de nós” (João Paulo II, *Ecclesia de Eucharistia*, nº 22).

22. Como esquecer a **outra face da presença salvífica de Cristo**, aquela que encontramos no pobre, no enfermo ou no prisioneiro, no faminto e nos excluídos? “Cada vez que fizestes (estas coisas) a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40). Que consolação poder proclamar que Cristo vive no meio dos homens, unindo aqueles que o pecado e a discriminação social dividem e degradam, fazendo de todos os povos uma só família de irmãos, sem guerras e nem ódio, sem injustiças e nem enganos! Não é isto que sonham hoje todos os homens e mulheres de boa vontade? **A Igreja sente a presença de Cristo em toda parte e testemunha que ele vive no meio de nós.**

Na comunhão de amor

23. **A Igreja, como ícone da Trindade, nascida do amor do Espírito Santo**, é a comunhão de amor dos membros entre si e do Corpo com a Cabeça, que é Cristo. A Igreja é uma por sua fonte: “Deste mistério, o modelo supremo e o princípio é a unidade de um só Deus na Trindade de pessoas, Pai e Filho no Espírito Santo” (*Catecismo da Igreja Católica*, nº 813). A união dos fiéis, dos membros vivos, das pedras vivas do Templo do Senhor, é comunhão de irmãos que o Espírito Santo ungiu e consagrou. O mistério insondável da Igreja, como Esposa, unida ao seu Esposo, Jesus Cristo, é plena

comunhão dos membros com a Cabeça do Corpo Místico. **O amor gera comunhão e unidade. O Espírito, que é amor, já no seio trinitário gerava a comunhão plena entre o Pai e o Filho e, agora, na Igreja, através da sua ação unitiva, gera a comunhão de todos os membros num só Corpo:** “O Espírito Santo que habita nos crentes, que plenifica e rege toda a Igreja, realiza esta admirável comunhão dos fiéis e os une tão intimamente em Cristo, que ele é o princípio da unidade da Igreja” (CIC, nº 813). Aliás, a Eucaristia, como sacramento de unidade, pela graça da comunhão, faz de muitos um só Corpo, pois se todos comungam o mesmo Corpo eucarístico é para formarmos um só Corpo Místico, uma Igreja una. Todos devem manifestar esta unidade da Igreja por gestos e palavras.

24. A doutrina sobre a Igreja ensina, na teologia paulina: “A comparação da Igreja com o corpo projeta uma luz sobre os laços íntimos entre a Igreja e Cristo. Ela não é somente congregada em torno dele: é unificada nele, em seu Corpo. Cabe destacar mais especificamente três aspectos da Igreja-Corpo de Cristo: a unidade de todos os membros entre si por sua união com Cristo; Cristo, Cabeça do Corpo; a Igreja, Esposa de Cristo” (CIC, nº 789). E cada um desses aspectos revela-nos o mistério da comunhão e da unidade. Mas **esta unidade e comunhão não se realizam somente entre os fiéis e Cristo, mas, também, entre os fiéis uns com os outros.** Unidos ao Papa, aos Bispos, aos Sacerdotes, aos Consagrados, aos Leigos e todos unidos entre si, formam a Igreja una. Por isso, todos os pecados, todas as ações contra a unidade e a comunhão não só não realizam o plano de Deus, como também destroem a própria unidade e comunhão da Igreja.
25. E esta unidade deve estimular, sem cessar, a caridade em ordem a uma comunhão e um amor cada vez mais univer-

sais: *“Por isso se um membro sofre, todos os membros padecem com ele; ou se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele”* (Lumen Gentium nº 7). Veja-se, neste sentido, o texto de Gl 3,27-28, que termina dizendo: *“todos vós sois um só, em Cristo Jesus”*. Esta unidade em Cristo realiza e solidifica a unidade entre todos. Tudo o que for egoísmo, desunião, crítica destrutiva, falta de justiça, de paz, de partilha entre nós, é um atentado à unidade e à comunhão da Igreja. Tudo o que não nos lança a colaborar na vida pastoral, em unidade com o Papa, com os Bispos, é falta de comunhão na vida eclesial. **Não podemos “fazer capelas”, temos de construir Igreja. E esta é una, tem de estar unida pela ação unificadora do Espírito.** Não à divisão e à discórdia, não ao egoísmo e à falta de amor, não ao isolamento e à falta de partilha. O Catecismo da Igreja Católica (nº 815) pergunta: *“Quais são estes vínculos da unidade?”* e dá a seguinte resposta: *“ ‘Acima de tudo a caridade, que é o vínculo da perfeição’ (Cl 3,14). Mas a unidade da Igreja peregrina é também assegurada por vínculos visíveis de comunhão: a profissão de uma única fé, recebida dos Apóstolos; a celebração comum do culto divino, sobretudo dos sacramentos; a sucessão apostólica por meio do Sacramento da Ordem, que mantém a concórdia fraterna da família de Deus”* (Cf. LG, nº14; CIC cân 205).

Uma nova imagem de Igreja

26. A Igreja recebeu de seu mestre a missão de anunciar o Evangelho (EN 7). Para tanto, foi dotada de palavras, experiências, força, assistência da parte do Espírito do Senhor e da participação em dons especiais concedidos a cada fiel de modo particular e a toda a Comunidade. **A misteriosa presença de Cristo na Igreja é a garantia do sucesso que teremos no cumprimento da missão confiada.**

27. O Concílio Vaticano II atualizou os conceitos de Igreja, enfatizando a sua dimensão de comunhão, de povo de Deus, de família de Deus, de corpo místico de Cristo, etc. Entendo que, para a Arquidiocese de Goiânia, chegou a hora de **valorizar ainda mais a participação ativa de cada batizado, com seus carismas e em sua atuação missionária**. Urge um inventário das capacidades semeadas pelo Senhor em todo o nosso povo santo. Urge que estas capacidades na sua diversidade e riqueza sejam conhecidas e apreciadas e que os pastores, depois de havê-las compreendido, as coordenem.
28. Todo batizado, por obra do batismo e de outros sacramentos, é envolvido na obra de consolidação e crescimento da Igreja. O seu rendimento será, porém, exíguo e a perseverança incerta se ele não agir de modo complementar e coordenado com os outros irmãos, sob a guia dos sagrados pastores: *“As funções do ministério ordenado, consideradas no seu conjunto, constituem uma unidade indivisível por causa do seu único fundamento. Uma e única, com efeito, como em Cristo, é a raiz da ação salvífica, significada e realizada pelo ministro na atuação das funções de ensinar, de santificar e de governar os demais fiéis”* (Instrução da Congregação do Clero e de sete outras Congregações sobre a cooperação de leigos, João Paulo II, 1997). Os Pastores têm por tarefa despertar os dons adormecidos e inoperantes que muitos possuem, revitalizando sua variedade e riqueza e chegando a uma unidade harmoniosa a fim de que cresçam, e venham a prestar um serviço ao mundo dando um testemunho missionário. Esta missão, tão exigente quanto atual, com certeza desafiará as capacidades de persuasão, organização e de oração de todos nós, pastores e fiéis leigos. Cristo, hoje, pede aos seus seguidores total fidelidade e resposta aos sinais dos tempos que se manifestam no mundo e na Igreja.

Igreja, Povo de Deus

29. Logo após ter apresentado a Igreja como “mistério” (Capítulo I da LG), o Concílio Vaticano II apresenta a Igreja como “Povo de Deus” (Capítulo II). Estas duas noções não são justapostas nem sobrepostas, mas intimamente interdependentes. Recordo, como luz para iluminar a especificidade dessas duas noções, as palavras do Papa Bento XVI na Catequese sobre Santo Agostinho, proferida em janeiro de 2008: “*é fundamental que a Igreja, povo de Deus, em sentido cristológico e não em sentido sociológico, esteja verdadeiramente integrada em Cristo, que, segundo afirma Agostinho em uma página maravilhosa, ‘reza por nós, reza em nós, é rezado por nós como nosso Deus: reconhecemos, portanto, nele nossa voz e nós, nele, a sua’ (Enarrationes in Psalmos, 85, 1)*”.
30. **A expressão “Povo de Deus” indica, conseqüentemente, a Igreja “na sua totalidade”, quer dizer, a Igreja como alguma coisa que todos os seus membros têm em comum. Esta foi, sem dúvida, uma das maiores aquisições do Vaticano II.** A noção de povo de Deus, com efeito, exprime a profunda unidade, a comum dignidade e a fundamental habilitação de todos os membros da Igreja à participação em sua vida e à corresponsabilidade na missão. Antes e além de qualquer diferenciação carismática e ministerial, o que é comum a todos os membros da Igreja é a condição cristã. O texto conciliar que exprime com maior eficácia essa profunda unidade e comum dignidade de todos os membros do povo de Deus se acha exatamente no nº 32 da *Lumen Gentium*, dedicado aos leigos: “*Um só é o Povo eleito de Deus: “um só Senhor, uma só fé, um só batismo” (Ef 4,5). Comum a dignidade dos membros pela regeneração em Cristo. Comum a graça de filhos. Comum a vocação à perfeição. Uma só salvação, uma só esperança e indivisa*

caridade". Não há, pois, em Cristo e na Igreja, nenhuma desigualdade em vista de raça ou nação, condição social ou sexo, porquanto "não há judeu ou grego, não há servo ou livre, não há varão ou mulher, porque todos vós sois um em Cristo Jesus" (Gl 3,28; cf. Cl 3,11).

31. Parte integrante desta condição comum – dada pelas virtudes da Fé, da Esperança e da Caridade e conferida por meio dos sacramentos do batismo, da crisma e da eucaristia – é a **participação de todo o povo de Deus no ofício profético, sacerdotal e real de Cristo.**
32. A expressão "*Povo de Deus*" é apropriada, também, para sublinhar que **a missão da Igreja não compete só a alguns, mas é responsabilidade de todos.** Nascendo da missão do Filho e do Espírito Santo, a Igreja é missionária. Este desígnio provém do "amor fontal" ou da caridade de Deus Pai, que é o Princípio sem princípio.
33. Todo o povo de Deus não só é responsável pela vida da Igreja, mas também pela missão da Igreja no mundo. Sobre este ponto, a *Lumen Gentium* diz claramente: "*Os Pastores sagrados sabem perfeitamente quanto os leigos contribuem para o bem de toda a Igreja. Os Pastores sabem, também, que não foram instituídos por Cristo a fim de assumir sozinhos toda a missão salvífica da Igreja no mundo. Seu preclaro múnus é apascentar de tal forma os fiéis e reconhecer suas atribuições e carismas que todos, a seu modo, cooperem unanimemente na obra comum*" (30). É neste sentido que se pode falar de "Igreja toda ministerial", de "corresponsabilidade diferenciada", de "responsabilidade de todos na Igreja", de "Igreja onde as responsabilidades apostólicas são partilhadas", de "Igreja toda a serviço", de "comunhão e participação".

34. **A expressão “Povo de Deus”, enfim, ilumina a unidade da Igreja na variedade católica dos carismas**, das funções, das Igrejas particulares, das tradições, das culturas, que, em lugar de destruir a unidade da Igreja, a aperfeiçoam. Efetivamente, a plenitude da unidade – suscitada e vivificada pelo Espírito – é o fundamento de cada possível distinção na Igreja: *“Por instituição divina, a santa Igreja é estruturada e regida com admirável variedade. ‘Pois como em um só corpo temos muitos membros, mas todos os membros não têm a mesma função, assim nós, embora sejamos muitos, somos um só corpo em Cristo, e cada um de nós somos membros uns dos outros’ ”* (Rm 12,4-5; LG 32).
35. Convém, na realidade, precisar que, de modo muito apropriado, **a expressão “Povo de Deus” evoca a variedade dos carismas, serviços e ministérios que o Senhor distribui entre os fiéis para a vida e missão da Igreja. Com efeito, a comum incorporação a Cristo e à Igreja – realizada mediante os sacramentos de iniciação – é constantemente enriquecida por uma inumerável pluralidade de carismas, serviços e ministérios.** Esta é a perspectiva do Vaticano II, quando ensina no nº 12 da *Lumen Gentium*: *“Não é apenas através dos sacramentos e dos ministérios que o Espírito Santo santifica e conduz o Povo de Deus e o orna de virtudes, mas, repartindo seus dons “a cada um como lhe apraz” (1Cor 12,11), distribui graças especiais entre os fiéis de qualquer classe. É a graça que os torna aptos e prontos a tomar sobre si os vários trabalhos e ofícios que contribuam para a renovação e maior incremento da Igreja, segundo estas palavras: “A cada um é dada a manifestação do Espírito para a utilidade comum” (1Cor 12,7). Estes carismas, quer eminentes, quer mais simples e mais amplamente difundidos, devem ser recebidos com gratidão e consolação, já que são perfeitamente acomodados e úteis às necessidades da Igreja. Os dons extraordinários,*

todavia, não devem ser temerariamente pedidos nem deles devem presunçosamente ser esperados frutos de obras apostólicas. O juízo sobre sua autenticidade e seu ordenado exercício compete aos que governam a Igreja. A eles em especial cabe não extinguir o Espírito, mas provar as coisas e ficar com o que é bom (1Tes 5,12 e 19,21).

Igreja missionária

36. A Igreja, que tem hoje uma ideia clara da sua missão e que vive em meio a este nosso mundo em acentuado processo de secularização e de desagregação, reafirma a sua mensagem: *“O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos, o que as nossas mãos apalparam do Verbo da vida... vo-lo anunciamos (1Jo 1, 1-3)”*. Paulo VI, primeiro Papa a visitar a América, disse: *“Caberá a nós, [Senhor Jesus], como teus representantes e administradores dos teus divinos mistérios (cf. 1Cor 4, 1; 1 Pd 4, 10), difundir entre os homens os tesouros da tua palavra, da tua graça, dos teus exemplos”* (Homilia por ocasião das ordenações diaconais e presbiterais em Bogotá, 22 de agosto de 1968).
37. **Como seria bom se cada paróquia ou comunidade se convertesse numa escola de discípulos-missionários e testemunhas da obra de Deus!** O comportamento de um cristão vale mais do que mil sermões. É necessário cultivar a nossa esperança e dar-lhe uma justificativa. As comunidades eclesiais, os movimentos eclesiais, os grupos bíblicos, os grupos de oração e de reflexão em família são ambientes de formação em vista de uma adequada compreensão da realidade social (vejamos os mais eloquentes desafios da evangelização mencionados no Documento de Aparecida). Em minha Carta Pastoral entregue por ocasião da Páscoa do ano litúrgico de 2007 exortei: *“Comunidades dinamizadas pelo amor*

de Deus transformam-se em verdadeiros sujeitos da evangelização, pois estas devem testemunhar com a vida aquilo que anunciam" (nº 9). Hoje, mais do que nunca, não podemos fechar-nos nas sacristias e nos nossos egoísmos, desconhecendo os desafios que o mundo lança à nossa fé.

O Espírito Santo, alma da Igreja

38. **O Espírito Santo dá vida à Igreja**, atua em todos os batizados e no conjunto do Corpo eclesial. É Ele quem faz da Igreja "*templo do Deus vivo*" (2Cor 6,16). O Espírito, presente em cada cristão desde o dia do Batismo, recebido de um modo novo no sacramento da Crisma e atuando em cada um dos sacramentos, é o dinamizador da vida e da santidade da Igreja.
39. O Espírito Santo é dado no Domingo de Páscoa, quando Jesus afirma: "*Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados, àqueles a quem os retiverdes ser-lhes-ão retidos*" (Jo 20,22-23), ou dado em plenitude, no dia de Pentecostes (cf. At 2,1-13), dia em que "*o Espírito Santo começou a produzir seus benefícios no Corpo Místico de Cristo*" (Leão XIII, *Divinum illud munus*, 09/05/1897). "**A este Espírito de Cristo, em princípio invisível, deve-se atribuir também a união de todas as partes do Corpo tanto entre si como com sua Cabeça, pois Ele está todo na Cabeça, todo no Corpo e todo em cada um dos seus membros**" (CIC, 797). A *Lumen Gentium* é enfática: "*Consumada a obra que o Pai confiou ao Filho para ele cumprir na terra, foi enviado o Espírito Santo no dia de Pentecostes, para que santificasse continuamente a Igreja e, deste modo, os fiéis tivessem acesso ao Pai, por Cristo, num só Espírito*" (4). **Sem o Espírito não haveria a Igreja, não haveria a liturgia, não haveria os sacramentos, não haveria a santidade, não haveria o conhecimento da Palavra que alimenta a própria Igreja, não haveria unidade, a comunhão, o serviço, a partilha fraterna, os dons e os carismas.**

40. **O Espírito é o grande agente, o grande protagonista da vida da Igreja:** *“O Espírito Santo é o princípio de toda ação vital e verdadeiramente salutar em cada uma das diversas partes do Corpo. Ele opera de múltiplas maneiras a edificação do Corpo inteiro na caridade; pela Palavra de Deus ‘que tem o poder de edificar’ (At 20,32); pelo Batismo, por meio do qual é formado o Corpo de Cristo; pelos sacramentos que proporcionam crescimento e cura aos membros de Cristo; pela ‘graça concedida aos Apóstolos, que ocupa o primeiro lugar entre os seus dons’; pelas virtudes, que fazem agir segundo o bem; e, enfim, pelas múltiplas graças especiais (chamadas de carismas) por meio das quais torna os fiéis ‘aptos e prontos a tomarem sobre si os vários trabalhos e ofícios que contribuem para a renovação e maior incremento da Igreja” (CIC 798).*
41. Atenta à voz do Espírito, ao seu sopro divino, às moções interiores d’Aquele que é a sua alma e a fonte de sua vida, a Igreja tem de estar sempre aberta a tudo o que o Espírito lhe quer dizer e à renovação à qual o Espírito deseja conduzi-la, em cada momento de sua história. **Neste sentido, não tenho dúvida ao afirmar que o nosso Sínodo será um dom do Senhor e constituirá para todos nós uma autêntica experiência do Espírito.** *“Realmente o Espírito atualiza na Igreja de todos os tempos e lugares a única Revelação trazida por Cristo aos homens, tornando-a viva e eficaz no coração de cada um” (TMA 44). “O Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito” (Jo 14,26).*

O Espírito Santo, guia da Igreja peregrina

42. Todo cristão, no dia do seu batismo, recebe o dom do Espírito. Contudo, muitos batizados ficam sabendo da existência do Espírito Santo apenas quando da catequese sacramental. Ali, certamente, conhecem de modo preliminar

que as pessoas da Santíssima Trindade são o Pai, o Filho e o Espírito Santo. E todas as vezes que fazem o sinal da cruz, talvez sem nem pensar, invocam o Seu Santo Nome. Para que nossas comunidades possam renovar-se e tornar-se realmente idôneas para anunciar o Evangelho, devem propiciar a experiência com o Espírito Santo, suscitada nos discípulos como em Pentecostes. Experiência com aquele Espírito que nos é dado para nos sustentar no conhecimento do único Deus verdadeiro e daquele que o Pai enviou: Jesus Cristo (*Rm 8,14*). Esta é, com certeza, a primeira coisa que o Espírito diz à Igreja. **Devemos, além disso, ouvir o que o Espírito nos diz de tempos em tempos. Ele, de fato, nos fala e nos interpela também através dos acontecimentos da história.**

43. Os “sinais dos Tempos” não cessam de interpelar o cristão e a Igreja. **Vive-se hoje em uma situação de inquietação e, frequentemente, de medo.** Causam grande perturbação os dramas da humanidade que todos os dias enchem as páginas dos jornais e os noticiários das emissoras de rádio e dos canais de televisão: catástrofes ambientais como os terremotos no Haiti e no Chile; crise econômica global; crises políticas movidas pela prática da corrupção e pela malversação do dinheiro público; narcotráfico; conflitos armados e comércio ilegal de armas; violência urbana; experimentações científicas utilizando seres humanos, dentre tantas outras facetas negativas desse chamado mundo novo. Por trás disso, está ganhando terreno um capitalismo selvagem que domina a economia mundial e condiciona o desenvolvimento dos povos, tendo como finalidade alcançar sempre maiores riquezas e, assim, os ricos se tornam sempre mais ricos e os pobres sempre mais pobres (*Celam, Documento de Puebla*).

44. Neste contexto, **o Espírito Santo nos está pedindo uma renovação da nossa fé**. Não me canso de dizer que o nosso primeiro Sínodo está sendo um presente do Espírito Santo em sua ação silenciosa e misteriosa. Em seu primeiro ano de preparação, muitíssimos irmãos e irmãs se reuniram em grupos para aprofundar o conhecimento e sua vivência da Palavra, bem como os compromissos com o anúncio da Palavra. Indubitavelmente, o nosso Sínodo é um dom, mas é um dom carregado de responsabilidade. A sua convocação ocorreu em vista de um aprofundamento do mistério da Igreja, chamada a anunciar Jesus Cristo aos homens e às mulheres de hoje. Nenhum membro das nossas comunidades pode se considerar estranho ao processo sinodal; dos presbíteros aos religiosos, às religiosas e a cada fiel leigo, todos somos chamados a empreender um novo caminho de conversão a fim de que possamos realmente **caminhar segundo o Espírito** e assim tenhamos condição de produzir muitos frutos.

Caminhemos segundo o Espírito

45. A caminhada segundo o Espírito é, antes de tudo, uma graça: com efeito, é o Espírito que gera uma progressiva transformação da vida do discípulo. O dom do Espírito Santo é dado para uma transformação íntima do coração, para que seja, no discípulo, o princípio de uma vida nova. O Espírito Santo deve, porém, ser acolhido não como “uma coisa”, mas como uma pessoa viva, como pessoa amiga. “**Doce hóspede da alma**”, assim Ele é chamado na oração litúrgica da Igreja.

46. “*Se vivemos pelo Espírito, pelo Espírito pautemos também a nossa conduta*” (Gl 5,25). Os frutos do Espírito, recorda Paulo, são: “*Amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fide-*

dade, mansidão, autodomínio” (Gl 5,22). A vida nova recebida no batismo é a própria vida de Deus que nos é oferecida para amá-lo de todo o coração e amar o próximo como Jesus ama cada um de nós. Todo discípulo do Senhor deve poder experimentar a novidade que recebeu e a força interior do Espírito que o sustenta em cada situação: “O Espírito socorre a nossa fraqueza”, recorda Paulo aos cristãos de Roma (Rm 8,26).

47. **A vida interior do cristão exige que se reserve tempo para o silêncio.** É necessário que todos os dias aprendamos a conservar um “espaço” de silêncio para ouvir a palavra do Senhor. Vivemos em uma sociedade barulhenta, de muitas vozes que invadem cada momento do dia e da noite. Sem silêncio, porém, não pode haver possibilidade de vida interiormente significativa, não há acolhida do Espírito de Deus. E lembremos: *“que o Deus silencioso é também um Deus que fala, que se revela e, sobretudo, que nós mesmos podemos ser testemunhas de sua presença, que de nossa fé surge realmente uma luz inclusive para os demais”* (Bento XVI, *Encontro com os Jovens em Loreto*, 01/09/2007).

O Espírito Santo e a Palavra de Deus

48. Retomando e sublinhando alguns aspectos que já apareceram nos encontros de preparação para o Sínodo do ano passado, desejo indicar, aqui, algumas orientações práticas para um *caminho segundo o Espírito*.
49. **Primeiramente é preciso beber na fonte da Palavra de Deus.** *“Aprove a Deus, em sua bondade e sabedoria, revelar-Se a Si mesmo e tornar conhecido o mistério de Sua vontade (cf. Ef 1,9), pelo qual os homens, por intermédio do Cristo, Verbo feito carne, e no Espírito Santo, têm acesso ao Pai e se tornam participantes da natureza divina”* (DV 2). Na Sagrada Escritura, *“manifesta-se*

resguardada sempre a verdade e a santidade de Deus, a admirável 'condescendência' da eterna Sabedoria, 'a fim de que conheçamos a inefável benignidade de Deus' (DV 13).

50. Agradecemos ao Senhor porque vem crescendo entre nós a familiaridade com a Sagrada Escritura, quer por meio da liturgia e dos grupos de estudo bíblico, quer através da leitura pessoal. É, todavia, de fundamental importância que a leitura seja feita em clima de oração, sabendo que o Espírito Santo nos é dado para que possamos compreender as Escrituras (cf. DV 182). Não nos esqueçamos de que estas palavras foram escritas por homens "iluminados pelo Espírito" e que, portanto, somente a palavra rezada "*se torna luz para os nossos passos*". Naturalmente, a referência ao Espírito não pode ser deixada à livre interpretação de cada pessoa. **O lugar privilegiado para a leitura e a compreensão da Escritura é a Igreja** que, por meio da liturgia, celebra a Palavra (*Lex orandi, Lex credendi*). A Escritura, portanto deve ser lida na Igreja, à qual foi confiado o sagrado depósito (DV 175) e sob a guia dos pastores, sem esquecer que "*o ofício de interpretar autenticamente a palavra de Deus escrita ou transmitida foi confiado unicamente ao Magistério vivo da Igreja, cuja autoridade se exerce em nome de Jesus Cristo. Tal Magistério evidentemente não está acima da palavra de Deus, mas a seu serviço, não ensinando senão o que foi transmitido, no sentido de que, por mandato divino e com a assistência do Espírito Santo, piamente ausculta aquela palavra, santamente a guarda e fielmente a expõe*" (DV 10). Importante recordarmos que os bispos e os fiéis devem colaborar de modo estreito na conservação, no exercício e na profissão da fé transmitida pela Sagrada Escritura e pela Sagrada Tradição (DV 175).
51. **Da escuta espiritual da Palavra podemos realmente esperar bons frutos.** "*Assim como a vida da Igreja se desenvolve pela*

assídua participação no mistério eucarístico, assim é lícito esperar um novo impulso de vida espiritual de uma acrescida veneração pela palavra de Deus, que permanece sempre” (Is 40,8; cf.1Pd 1,23-25; DV 26).

Maria, esposa do Espírito

52. **O Corpo Místico de Cristo procede todo de Maria.** Predestinada a ter com o Pai o mesmo e único Filho, Maria gera, no tempo, a natureza humana de Cristo e o Seu Corpo Místico. Merecedora de ser, ao mesmo tempo, Esposa e Mãe (*Fulberto de Chartre*), Maria é a Esposa do Espírito Santo, verdadeiramente o Seu Templo. São Luís de Montfort diz que o Espírito Santo formou a sua Obra-Prima no seio virginal de Maria.
53. **Como Maria, também a Igreja é Mãe e sempre virgem** (*Santo Agostinho*). Maria, Mãe do Verbo Encarnado; a Igreja, Mãe do Corpo Místico, com o qual há uma relação profunda e intrínseca. A Igreja, tal como Maria, oferece Cristo ao mundo. A maternidade da Igreja, de certo modo, prolonga a maternidade de Maria na história da salvação. “*Mulher, eis o teu filho... filho, eis a tua mãe*” (*Jo 19,26-27*). Dali em diante, o discípulo amado acolheu Maria. Aos pés da Cruz vemos a Igreja e Maria contemplando o Crucificado e participando de sua agonia para, depois, tomar parte alegremente no Mistério de sua Ressurreição. Como Maria, no fim dos tempos, a Igreja também ressuscitará e ambas participarão do mistério da glorificação do Filho. E viveremos para sempre com o Senhor, ao lado de todos os que na vida souberam amar Cristo e seus irmãos.
54. **Confiemos nosso Sínodo Arquidiocesano a Nossa Senhora Auxiliadora.** Com o auxílio de sua graça, tal como a Igreja em sua aurora, também nossa Arquidiocese experimen-

tará a alegria de continuar sendo fiel servidora de Cristo, oferente de Cristo ao mundo e canal da graça santificante para todos.

3 - O ESPÍRITO SANTO NA AÇÃO LITÚRGICA

55. O segundo ano da fase preparatória para o nosso Sínodo é dedicado de modo especial à **Sagrada Liturgia**. A exortação apostólica pós-sinodal *Pastores gregis* (“Pastores do rebanho”) exorta os Bispos “a que se empenhem com todas as forças na **autêntica promoção da liturgia**”. Porque “a verdade da fé e da vida cristã transmite-se não só através das palavras, mas também dos sinais sacramentais e do conjunto dos ritos litúrgicos”, segundo o “antigo axioma... que vincula estritamente a *lex credendi* à *lex orandi*” (fé e oração). Daí a importância da “**promoção concreta e apropriada da pastoral litúrgica na diocese**” para que tanto os ministros, como o povo “**adquiram uma autêntica compreensão e experiência da liturgia**” e “**os fiéis alcancem aquela participação plena, consciente, ativa e frutuosa nos santos mistérios**” que o Concílio do Vaticano II quis promover. Daí, também, o sentido e valor da disciplina litúrgica, pela qual se há de “**velar cuidadosamente corrigindo**” eventuais abusos e eliminando arbitrariedades tanto nas celebrações, como nas transmissões radiofônicas e televisivas das mesmas (cf. nº 35).

56. O Espírito Santo opera na Igreja sobremodo através da liturgia sacramental: **no Batismo**, os redimidos nascem para vida nova “da água e do Espírito” (*Jo 3,5*) para adorar o Pai em Espírito e verdade (cf. *Jo 4,23s*). **Na Confirmação**, o Espírito ajuda o batizado a dar testemunho de Cristo com coerência. **Na Eucaristia**, o Espírito transforma o pão e o vinho no Corpo e no Sangue de Cristo e dá força para a comunhão fraterna. **Na Reconciliação**, o Espírito move o coração ao arrependimento e ao perdão para apagar os pecados. **No sacramento dos Enfermos**, é ainda o Espírito a dar ajuda e graça ao doente e a libertá-lo dos pecados. **No sacramento da Ordem**, o Espírito anima a Igreja a construir unidade e

santidade para salvar a humanidade. **No Matrimônio**, o Espírito consagra e chancela o amor dos esposos cristãos e, permanecendo neles, aumenta a comunhão com Cristo e com a Igreja. A celebração litúrgica é onde o Espírito Santo age e se comunica com a Igreja. Como a Revelação se realizou por meio de palavras e sinais, assim também a liturgia, que celebra o mistério pascal do Senhor, se realiza por meio de ritos e palavras intimamente conexos; e, enquanto os ritos falam com os sinais sensíveis, a Palavra anuncia o evento de salvação que se cumpre. *“Para levar a efeito obra tão importante, Cristo está sempre presente em Sua Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas”* (SC 7). *“A Igreja é dispensadora visível dos sinais sagrados, enquanto o Espírito Santo age nos mesmos como o **dispensador invisível da vida** que eles significam. Em união com o Espírito Santo está presente Cristo”* (DV 63).]

57. **Para caminhar segundo o Espírito, é preciso celebrar “em espírito e verdade”**. Falando à Assembleia dos Bispos no Canadá, o Cardeal Godfried Danneels exortou sobre algo importante também para nossa realidade: *“A participação ativa na liturgia, o fato de prepará-la juntos, o cuidado de aproximá-la o mais possível da cultura e da sensibilidade dos fiéis podem conduzir imperceptivelmente a uma espécie de apropriação da liturgia. A participação e a celebração mútua podem conduzir a uma forma sutil de manipulação. Quando assim ocorre, a liturgia é não somente despojada de seu caráter intangível – o que não é mau em si – mas se torna, em certo sentido, propriedade daqueles que a celebram, como um domínio abandonado à sua ‘criatividade’.* *Aqueles que estão a serviço da liturgia – padres e leigos – acabam como se fossem seus ‘proprietários’* “. **A formação litúrgica deverá partir, primeiramente, do zelo pastoral do próprio sacerdote ou celebrante.**

Participação e formação litúrgica

58. Nem sempre se entende corretamente o que ensina o Concílio Vaticano II sobre *“a participação ativa, plena e frutuosa de todo o povo de Deus”* na celebração da Eucaristia. Esta participação muitas vezes é entendida como simples atividade externa durante a celebração, um simples *“ativismo litúrgico”*. Mas não é isso. **A participação ativa está na união interior com Cristo.** A participação litúrgica deve evitar modismos exagerados, tornando sacerdotes e leigos verdadeiros *showmen*, utilizando linguajares e posturas que nada guardam de relação com a serena profundidade que deve estar presente num ambiente celebrativo invadido pela presença da Santíssima Trindade. Uma participação ativa inclui a escuta atenta, respeitosa da Palavra de Deus, o silêncio, a meditação, a oração interior, uma apropriada participação no canto e nos gestos tradicionais. Cabe, sobretudo, a nós, sacerdotes, **formar-nos e formar os fiéis dentro desta visão conciliar da sagrada liturgia. Todo membro da Igreja tem necessidade de uma formação litúrgica permanente**, de modo especial o diácono, o sacerdote e o bispo, por causa do seu papel específico. A liturgia, com efeito, *“não está à mercê e não pode suportar a chantagem das modas passageiras”* (Bento XVI, *Sacramentum Caritatis*,37). Bento XVI também afirma no Motu Proprio *Summorum Pontificum* que a pressão pós-conciliar exercida sobre os celebrantes no sentido de que a liturgia fosse mais criativa, *“levou frequentemente a deformações na liturgia além do suportável”*. Vale aqui também, sem dúvida, a advertência de São Paulo: *“Ninguém pode pôr outro fundamento diferente do que foi posto, isto é, Jesus Cristo”* (1 Cor 3,11). Uma séria formação litúrgica nos livra de tais perigos.

A beleza da Liturgia

59. Monsenhor Piero Marini, mestre-de-cerimônias de João Paulo II, de 1987 a 2005, depois nomeado Presidente da Comissão para os Congressos Eucarísticos Internacionais, foi convidado para fazer uma dissertação sobre o tema *“A beleza da Liturgia”*. Parece-me muito interessante e formativa. Seleciono parte dela e ofereço aos irmãos e irmãs, para oportuna reflexão.
60. **Haverá um limite entre a emoção estética e o verdadeiro sentido espiritual?** Que significa ter uma bela liturgia: responder ao gosto dos consumidores? A liturgia não é uma espécie de mercadoria, não é o supermercado da Igreja! Sabemos que é, acima de tudo, obra de Deus, adoração, acolhimento, gratuidade. **Quais são os critérios fundamentais da beleza da liturgia, para além dos gostos e das modas?**
61. Para compreender a beleza da liturgia, é necessário partir da concepção da Igreja: *“A Igreja é, em Cristo, de algum modo, o sacramento, isto é, ao mesmo tempo o sinal e o instrumento, da união íntima com Deus e da unidade de todo o gênero humano”* (LG 1). A Igreja, pois, mediante a missão de ser “sinal”, torna possível, de certo modo, a percepção de Cristo como sacramento da salvação. É precisamente a partir desta sacramentalidade que se articulam os sacramentos propriamente ditos. O sacramento, ação da Igreja, é também ação de Cristo, porque a Igreja nada faz que Cristo não lhe tenha dito ou ensinado: *“Fazei isto em memória de mim”* (Lc. 22, 19). Os sacramentos são modalidades pelas quais Cristo nos comunica a sua salvação: *“Quando alguém batiza, é Cristo que batiza”* (SC 7). São Leão Magno diz: *“O que era visível em Cristo passou para os sacramentos da Igreja”*. **A liturgia é ação de Cristo e da Igreja; não depende essen-**

cialmente da esfera intelectual, mas repousa sobre o princípio da Encarnação e comporta uma dimensão estética. Assim, **os nossos gestos**, na celebração, **são importantes porque são gestos de Jesus.** Na celebração e nos gestos concretos que ela requer, a Igreja não faz mais do que prolongar e atualizar os gestos do Senhor Jesus.

62. Os gestos da liturgia têm, pois, em si mesmos a sua beleza e a sua estética, enquanto gestos de Cristo, antes mesmo da beleza acessória e secundária que possamos acrescentar. Os Evangelhos apresentam-nos a gestualidade concreta e humana de Jesus: caminha, abençoa, toca, cura, faz lodo, levanta os olhos ao céu, parte o pão, toma o cálice. São gestos que a liturgia retoma na celebração dos sacramentos. Mas foi, sobretudo, na véspera da sua Paixão que Jesus ensinou os gestos que, por nosso lado, devemos realizar. **Ele é o mestre da nossa educação litúrgica.** A sua arte consiste em exprimir o essencial em poucas coisas. A significação da liturgia só se torna transparente na simplicidade e sobriedade. *“Quando chegou a hora em que ia ser glorificado por Vós, Pai santo, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim. E durante a Ceia, tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e deu-o aos seus discípulos, dizendo: Tomai todos e comei: isto é o meu Corpo que será entregue por vós. De igual modo, tomou o cálice com vinho e, dando graças, deu-o aos seus discípulos...”*. **O que é que torna belo o gesto do Senhor? A decoração da sala? A maneira como a mesa foi preparada? A riqueza da toalha?** Com certeza tudo isso serve para sublinhar a beleza, como uma moldura põe em evidência a beleza de um quadro! **Mas a verdadeira beleza é o gesto de amor salvífico:** *“amou-os até ao fim... tomou o pão”*. É por isso que o gesto é belo. Quando repete o gesto de Cristo, a Igreja acha-o belo porque reconhece no gesto o amor do seu Senhor.

63. O sentido estético, **o sentido da beleza da liturgia**, não depende, em primeiro lugar, da arte, mas do amor do mistério pascal. Para cooperar com a liturgia, **a arte precisa ser evangelizada pelo amor**. A beleza de uma celebração eucarística não depende essencialmente da beleza arquitetônica, dos ícones, das decorações, dos cantos, dos paramentos sagrados, da coreografia e das cores, mas, em primeiro lugar, da sua capacidade de deixar fazer transparecer o gesto de amor realizado por Jesus.
64. Por meio dos gestos, das palavras e das orações da liturgia, devemos reproduzir e fazer transparecer os gestos, a oração e a palavra do Senhor Jesus. Foi esse o mandamento que recebemos do Senhor: “Fazei isto em memória de mim”. **O estilo litúrgico, como o de Jesus, deve ser simples e austero**. Nas celebrações, devemos tornar-nos, segundo os Padres do Concílio, mestres da arte da “nobre simplicidade” (SC, nº 34). Na liturgia, **o gesto é sempre acompanhado da palavra**. Tudo se desenvolve, como diz o Concílio, *per ritus et preces*, ritos e orações iluminados e vivificados pela palavra (cf. SC 48; 21; 59; 7; 24).
65. Entretanto, **a palavra e o gesto têm, ambos, necessidade de tempo e espaço**. O Verbo feito carne teve necessidade de tempo e de espaço para os seus gestos de salvação. **A liturgia é o espaço de que Cristo tem necessidade para se exprimir e o tempo que lhe serve para ser narrado. Mas, na liturgia, o espaço e o tempo estão submetidos à regra da ordem**. Por sua natureza, a liturgia exige ordem. Com efeito, não há liturgia sem indicações dadas pelas rubricas, isto é, sem orientações da Igreja. Isso vem confirmado desde os mais antigos textos litúrgicos. **A beleza da liturgia é, por isso, o fruto da ordem**. A quase totalidade dos livros da reforma litúrgica ostenta, como primeira palavra, o título *ordo*

(ordem). **Qual a ordem requerida pela Liturgia?** A ordem requerida pela liturgia diz respeito a diversas realidades: o tempo, o espaço, as relações com os outros; ainda mais, a liturgia exige também ordem em nós próprios. Quarenta anos após *Sacrosanctum Concilium*, somos convidados a interrogar-nos:

Os ritos e os gestos que realizamos são verdadeiramente gestos de Cristo?

A liturgia que celebramos é um espaço dado a Cristo ou, sobretudo, é reservado para nós próprios?

O tempo consagrado à liturgia é um tempo em que Cristo fala ou, antes, é um tempo em que falamos de nós próprios ou é, simplesmente, um tempo vazio?

A liturgia que celebramos, em vez de seguir uma ordem, é uma sequência de ritos? Será também uma fonte de ordem nas nossas relações com os outros? Será fonte de ordem interior para nós mesmos?

66. Estas questões servem não apenas para compreender a essência da liturgia, mas, também, para clarificar o sentido da participação ativa sobre a qual o Concílio tanto insistiu. Partimos da sacramentalidade da Igreja para sublinhar **a importância do gesto na liturgia e, em particular, do gesto de Deus**: é o próprio Cristo quem se torna presente, precisamente na liturgia que é um gesto essencial da Igreja. Este gesto tem em si a sua beleza, feita de simplicidade e de amor, e que deve ser sempre respeitado. **Na sua liturgia, a Igreja serve-se também da beleza de outros sinais**, como as imagens, os ícones e os elementos da criação. A beleza da liturgia é, pois, antes de tudo, a beleza da simplicidade e do

amor do gesto de Cristo, mas é também a beleza dos nossos gestos e a beleza dos sinais e dos elementos da criação que a liturgia ordena e harmoniza no tempo e no espaço. A beleza da liturgia é a ordem que intenciona criar em nós, nas nossas relações com os nossos irmãos, a mesma ordem que consegue criar na nossa relação pessoal com Deus.

67. **A beleza da liturgia é algo que nos ultrapassa.** Não é a que se impõe subitamente à atenção, que se faz ver através dos gestos, dos sinais e dos elementos materiais, mas, sobretudo, a beleza que eles deixam transparecer. **Com efeito, é mais uma beleza que transparece que uma beleza que se vê.** Se queremos ter uma bela liturgia, devemos **deixar-nos guiar pela própria liturgia, pelo que ela é em si**, pelo seu espírito, pelas suas normas. **A beleza da liturgia exige sempre alguma renúncia da nossa parte:** renúncia à banalidade, à fantasia, ao capricho. Além disso, importa dar à liturgia o tempo e o espaço de que ela precisa. Não se deve ter pressa. Mais que à nossa iniciativa, importa **conceder a Deus a liberdade de nos falar e de nos reunir pela Sua Palavra**, através da nossa oração, gestos, música, canto, luz, incenso, perfumes.

68. A liturgia, como uma composição musical, tem necessidade de espaço, de tempo, de silêncio, de despojamento de nós mesmos, para que as palavras, os gestos e os sinais nos possam falar de Deus. Se queremos uma liturgia mais “bela”, importa que reflitamos sobre alguns problemas ligados à realização da reforma litúrgica:

1º) A participação ativa

69. Na primeira fase de execução da reforma, a participação tomou um aspecto principalmente exterior e didático, de-

gerando, de seguida, frequentemente, numa espécie de participação a todo preço e sob todas as formas. **A liturgia não é a soma das emoções de um grupo nem, muito menos, o receptáculo de sentimentos pessoais.** É, sobretudo, um tempo e **um espaço para interiorizar as palavras que nela se escutam e os sons que se ouvem**, para nos apropriarmos dos gestos que se realizam, para assimilarmos os textos que se recitam e se cantam, para nos deixarmos penetrar pelas imagens que se observam e pelos perfumes que se sentem.

2º) A presidência litúrgica

70. A qualidade dos sinais exige, sobretudo, a **qualidade da presidência da celebração.** Aquele que preside perante a assembleia não é apenas uma pessoa que está sendo olhada, mas é, também, aprovado e julgado no exercício de uma função sagrada exercida *in persona Christi* ou, se se quiser, como “ícone de Cristo” no Espírito Santo. Entretanto, essa presidência não pode ser exercida sem ter em conta a qualidade da assembleia e sem ser capaz de responder às aspirações do Povo de Deus. Com efeito, quem preside o faz, também de certo modo, *in persona Ecclesiae*. Fugindo a toda a espécie de protagonismo, o padre, modelado pelo autêntico espírito da liturgia, presidirá à Sinaxe como “aquele que serve” (Lc. 22, 27), à imagem daqu’Ele de quem é, tão somente, pobre sinal.
71. Também a **qualidade da presidência litúrgica**, na sua forma mais alta e mais fecunda, **estará muito além de uma simples arte de presidir.** Deverá esmerar-se para se tornar princípio de comunhão, na consciência interior de que o conjunto dos dons do Espírito Santo se encontra unicamente no conjunto da Igreja.

3º) A beleza e a dignidade do culto

72. Importa a imagem de uma Igreja que celebra, que reza, que vive o Mistério de Cristo na beleza e na dignidade da celebração. Uma beleza que não é apenas formalismo estético, mas que está fundada sobre a “nobre simplicidade”, capaz de manifestar a relação entre o humano e o divino da liturgia. Trata-se do dinamismo da Encarnação: o que o Filho único, cheio de graça e de verdade, fez de modo visível passou para os sacramentos da Igreja. **A beleza deve transparecer a presença de Cristo no centro da liturgia:** poderá ser tanto mais evidente quanto mais se possa apreender, nas celebrações, a contemplação, a adoração, a gratuidade e a ação de graças. “*Diante dele, o esplendor e a majestade, no seu santuário, o poder e a beleza*” (Sl 96, 6). O salmista não canta apenas a beleza que resplandece na morada do Senhor, mas confessa também: “nobreza e beleza nas suas ações” (Sl 110 [111], 3). Quais outras realidades da Igreja são chamadas a conjugar e a exprimir a beleza mais do que o espaço litúrgico e a ação litúrgica? Não apenas o lugar, mas também a ação, isto é, o gesto, a postura, o movimento, as vestes devem manifestar harmonia e beleza.

73. **O gesto litúrgico é chamado a manifestar beleza, enquanto gesto do próprio Cristo.** A liturgia continuará deste modo, graças também à sua beleza, a ser fonte e cume, escola e norma da vida cristã.

A arte de celebrar – algumas exortações práticas

74. Sobre a arte de celebrar, tema que interessa a todos os fiéis, e de modo especial aos sacerdotes, pode-se ler um resumo, ao mesmo tempo conciso e profundo, na Exortação apostólica pós-sinodal de Bento XVI (*Sacramentum caritatis*, nº 40).

Reproduzo:

*“Ao ressaltar a importância da arte da celebração, consequentemente põe-se em evidência o valor das normas litúrgicas. Aquela deve favorecer o sentido do sagrado e a utilização das formas exteriores que educam para tal sentido, como, por exemplo, a harmonia do rito, das vestes litúrgicas, da decoração e do lugar sagrado. A celebração eucarística é frutuosa quando **os sacerdotes e os responsáveis da pastoral litúrgica se esforçam por dar a conhecer os livros litúrgicos em vigor** e as respectivas normas, pondo em destaque as maravilhosas riquezas da Instrução Geral do Missal Romano e da Ordenação das Leituras da Missa... Igualmente importante para uma correta arte da celebração é a atenção a todas as formas de linguagem previstas pela liturgia: palavra e canto, gestos e silêncios, movimento do corpo, cores litúrgicas dos paramentos. Com efeito, **a liturgia, por sua natureza, possui uma tal variedade de níveis de comunicação que lhe permitem cativar o ser humano na sua totalidade**. A simplicidade dos gestos e a sobriedade dos sinais, situados na ordem e nos momentos previstos, comunicam e cativam mais do que o artificialismo de adições inoportunas. A atenção e a obediência à estrutura própria do rito, ao mesmo tempo que exprimem a consciência do caráter de dom da Eucaristia, manifestam a vontade que o ministro tem de acolher, com dócil gratidão, esse dom inefável”.*

75. Antigamente, as regras litúrgicas chamavam-se *rubricas* porque se escreviam em vermelho. Hoje prefere-se chamá-las de *instruções* e são elementos essenciais de harmonia, comunhão, sentido social e comunitário, indispensáveis para qualquer ação comum. Ora, a Liturgia, mormente a celebração da Missa, é ação comunitária, em que Cristo associa a si o povo de Deus, pelo ministério dos sacerdotes. Como diz o Papa, na citada exortação: *“Visto que a liturgia eucarística é essencialmente ação de Deus que nos envolve em Jesus por meio*

*do Espírito, o seu fundamento não está à mercê do nosso arbítrio e não pode suportar a chantagem das modas passageiras” (37). Por isso, é sempre lamentável que alguém se disponha a fazer outra coisa qualquer, quer no que se refere aos textos, aos gestos e atitudes, ao canto etc., que não seja o que a Igreja faz. E hoje a Igreja abre-nos abundantemente os tesouros da Palavra de Deus e um manancial eucológico e ritual bimilenar! Alguns sacerdotes (educados no rubricismo) parecem que continuam a não entender assim. É lamentável! Uns ficam num minimalismo ritual, deixando os fiéis à míngua. Outros se põem a inventar, confiados na sua veia poética ou artística (!), desrespeitando os “compositores” que são o próprio o Espírito e a Igreja. Os mais atrevidos lá vão eliminando a casula, inventando gestos e mímicas (em alguns casos, cria-se uma espécie de carnaval), substituindo a Palavra de Deus por poemas, por textos dos santos e dos fundadores religiosos, ou parodiando a oração eucarística etc. Não reparam que parecem “animadores de auditório”, quando na realidade o seu papel é muito mais importante e sublime: agem *in persona Christi*. Trocam este serviço único e essencial no povo de Deus – alimentá-lo com a Palavra e o Pão da vida – pelo discurso de si mesmos para um auditório que dominam. O resultado imediato nem sempre é feliz! Assim aconteceu com um sacerdote, portador de muitos títulos meritórios, que, numa comunhão solene, ignorando a própria liturgia do dia, se pôs a improvisar a seu jeito, dispensando o *Missal Romano*. Saiu uma peça de “Prefácio” irreconhecível (ficamos sem saber se se dava realmente graças pela obra de salvação de Cristo) que culminou deste modo: “*com todos os extraterrestres, a quem chamamos anjos...*”*

76. Hoje, por deficiente educação do sentido de assembleia (Igreja), assiste-se à profusão de certo singularismo, sinal de

decadência litúrgica e de exígua maturidade espiritual. É o singularismo que divide a assembleia. O individualismo regressa sempre e exige de todos a paciência e uma persistente e fina pedagogia, guiada pelas instruções da Igreja.

a) O valor do silêncio na Liturgia

77. Pe. Romano Guardini, sacerdote e teólogo que viveu no século passado e que em muito colaborou com o Concílio, lecionava: *“Se alguém me perguntasse onde começa a vida litúrgica, eu responderia: com a aprendizagem do silêncio. Sem ele, tudo carece de seriedade, tudo se torna vão...; este silêncio é a condição primeira de toda a ação sagrada. Devemos exercitar-nos no silêncio, para o bem da palavra. Porque a maior parte da liturgia consiste em palavras ditas por Deus ou dirigidas a Deus e elas devem ser imensas, cheias de calma e de silêncio interior. O silêncio abre a fonte interior da qual brota a Palavra”*.
78. Em nossas celebrações, há excesso de ruído sonoro e visual, ainda que venham sob o manto disfarçado da música. **Há muita palavra dentro das celebrações que, muitas vezes, deixam em segundo plano a própria Palavra de Deus.** Após a reforma conciliar, uma enorme movimentação participativa na Sagrada Liturgia tomou conta de nossas assembleias. Agora é o momento de recuperar valores que são essenciais à vida litúrgica. Afinal, a ação litúrgica *“é a ação sagrada por excelência, cuja eficácia, no mesmo título e grau, não é igualada por nenhuma outra ação da Igreja”* (João Paulo II, *Spiritus et sponsa*). É preciso que sejam cultivados valores profundamente relacionados à tradição litúrgica da Igreja. O Servo de Deus assim lecionou quando das comemorações dos 40 anos da *Sacrossanctum Concilium*, em 2003: *“Um aspecto que é preciso favorecer de modo especial em nossas comunidades*

é o seguinte: a experiência do silêncio. Temos necessidade dele para acolher em nossos corações a plena ressonância da voz do Espírito Santo e para unir mais estreitamente a oração pessoal à Palavra de Deus e à voz pública da Igreja. Em uma sociedade que vive de maneira sempre mais frenética, muitas vezes atordoada pelos ruídos e dispersada naquilo que é efêmero, redescobrir o valor do silêncio é vital” (13).

b) Os livros litúrgicos

79. **É sempre preferível usar os livros litúrgicos**, mesmo do ponto de vista meramente literário. A verdadeira arte de celebrar (difícil como para um maestro interpretar uma partitura) é usar bem os livros litúrgicos, inserindo-se na maravilhosa Tradição da Igreja. **O Missal, no Altar, deve ser preferido ao folheto litúrgico**, em razão de sua propriedade, dignidade e beleza que igualmente refletem a dignidade e a beleza do Mistério que a liturgia eucarística encerra.
80. **Nas Celebrações Litúrgicas, o livro que deve ser entronizado e conduzido corretamente não é a Bíblia, mas, sim, o Lecionário.** A Bíblia, o Grande Livro, deve permanecer em lugar próprio, devidamente fechado. Recomendo que, ao proclamar as leituras, não seja mencionado o nome da pessoa que o fará, pois o Autor Sagrado é o comunicador por excelência.

c) Posições corporais durante a Missa

81. Reconheço que em muitas comunidades, infelizmente, por razões diversas, a assembleia não tem como se acomodar de forma adequada por falta de bancos e genuflexórios. Ainda assim, convém recordar o sentido e a validade das posições

corporais durante a celebração da Eucaristia. O conhecido liturgista alemão B. Neunheuser, cinquenta anos atrás, já afirmava que *“a Igreja Católica (romano-latina) era uma Igreja sempre de joelhos, a Igreja ortodoxa sempre de pé e a Igreja protestante, sobretudo sentada”*. Isto se alterou, pelo menos no que diz respeito à Igreja Católica, por ação do movimento litúrgico e pela aplicação da reforma litúrgica. Sem dúvida, houve algum radicalismo apressado e não suficientemente fundamentado que, aqui ou ali, suprimiu, pura e simplesmente, a atitude de colocar-se de joelhos e toda e qualquer genuflexão durante a Missa. Tanto no Antigo como no Novo Testamento, a atitude da oração era a posição de pé. Contudo o pôr-se de joelhos - chegando mesmo à prostração total - era também um gesto bem conhecido (*1Rs 8, Dan 6, 10; Sl 94, 6s; Lc. 22, 41-43; At 9, 40; 20, 36; 21, 5*). Coerentemente, a **Liturgia cristã privilegiou a atitude de colocar-se em pé como posição normal de oração**, mas, simultânea e progressivamente **valorizou a atitude de joelhos como uma posição especial**, com um significado próprio.

82. Antes da reforma litúrgica, a posição de joelhos era a atitude típica dos fiéis durante praticamente todas as celebrações litúrgicas, com raras exceções, como para o Evangelho. Ficar de pé era quase um sinal de indiferença, preguiça ou má vontade (como de quem ficava à entrada ou à porta da Igreja). Para os fiéis fervorosos, rezar e estar de joelhos eram a mesma coisa. **O significado particular da posição de pé se diluíra e, praticamente, desaparecera.** Na realidade, o que a reforma litúrgica fez foi restituir, simultaneamente, **à posição de pé a sua principalidade e à posição de joelhos a sua particularidade.**
83. Eis também o que estabelece a *Instrução Geral do Missal Romano* (nº 20-21):

*“A posição comum do corpo, que todos os participantes devem observar, é sinal da comunidade e da unidade da assembleia, pois exprime e estimula os pensamentos e sentimentos dos participantes. Os fiéis **estão de pé**: desde o início do cântico de entrada... até à oração coletiva, inclusive; durante o cântico do Aleluia que precede o Evangelho; durante a proclamação do Evangelho; durante a profissão de fé e a oração universal; e desde o convite “Orai, irmãos”, antes da oração sobre as oferendas, até ao fim da Missa, exceto nos momentos adiante indicados. **Estão sentados**: durante as leituras que precedem o Evangelho e durante o salmo responsorial; durante a homilia e durante a preparação dos dons ao ofertório; e, se for oportuno, durante o silêncio sagrado depois da Comunhão. **Estão de joelhos** durante a consagração, exceto se motivos razoáveis a isso obstarem”.*

84. Vejamos, mais detalhadamente, o significado de cada posição como ficou consagrado pela reforma litúrgica:

SENTADO: É uma posição cômoda que favorece a catequese, boa para se ouvir as Leituras, a homilia e para meditar. É a atitude de quem fica à vontade e ouve com satisfação, sem pressa de sair.

DE PÉ: É uma posição de quem ouve com atenção e respeito, tendo muita consideração pela pessoa que fala. Indica prontidão e disposição do “orante”. A Bíblia diz: “Quando vos puserdes em pé para orar, (...)” (Mc 11,25). Falando dos bem-aventurados, João vê uma multidão, de vestes brancas, “de pé, diante do Cordeiro”, que é Jesus (Ap 7,9).

DE JOELHOS: Posição comum diante do Santíssimo Sacramento e durante a consagração do pão e do vinho. Significa adoração a Deus. São Paulo diz: “Ao nome de Jesus, se dobre todo joelho, no céu, na terra e debaixo da terra” (Fl 2,10). Rezar de joelhos é mais comum nas orações individuais.

*“Pedro, tendo mandado sair todos, pôs-se de joelhos para orar”
(At 9,40)*

GENUFLEXÃO: É um gesto de adoração a Jesus na Eucaristia. Fazemos quando entramos na igreja e dela saímos, se ali existe o sacrário. Também fazemos genuflexão diante do crucifixo na Sexta-Feira Santa, em sinal de adoração (**não é adoração à Cruz, mas a Jesus que nela foi pregado**). Na procissão de entrada, quem leva a Cruz não faz a genuflexão, nem mostra a Cruz ao Povo. Simplesmente, coloca-a no cruciferário ou no respectivo pedestal apropriado.

INCLINAÇÃO: Inclinar-se diante de alguém é sinal de grande respeito. É também adoração, diante do Santíssimo Sacramento. Os fiéis podem inclinar a cabeça para receber a bênção solene.

MÃOS LEVANTADAS: É atitude dos “orantes”. Significa súplica e entrega a Deus. É o gesto aconselhado por Paulo a Timóteo: “Quero, pois, que os homens orem em qualquer lugar, levantando ao céu as mãos puras, sem ira e sem contendas” (1 Tm, 2,8)

MÃOS JUNTAS: Significam recolhimento interior, busca de Deus, fé, súplica, confiança e entrega da vida. É uma atitude reveladora de profunda piedade.

PROSTRAÇÃO: Gesto muito antigo, bem ao gosto dos orientais. Estes se prostravam com o rosto na terra para orar. Assim fez Jesus no Horto das Oliveiras. Hoje essa atitude é própria de quem se consagra a Deus, como na ordenação sacerdotal. Significa morrer para o mundo e nascer para Deus com uma vida nova e uma nova missão.

d) O modo de receber a Sagrada Comunhão Eucarística

85. Um dos mais belos depoimentos sobre o rito de Comunhão na antiguidade é o de São Cirilo de Jerusalém (+381), do qual vai transcrita aqui uma passagem dirigida a cristãos adultos, que se preparavam para participar pela primeira vez do mistério eucarístico: *“Quando te aproximares, não caminhes com as mãos estendidas ou os dedos separados, mas **faze com a esquerda um trono para a direita, que está para receber o Rei; e logo, com a palma da mão, forma um recipiente; recolhe o corpo do Senhor; e dize: ‘Amém’.** A seguir santifica com todo o cuidado teus olhos pelo contato do Corpo Sagrado, e toma-o. Contudo cuida de que nada caia por terra, pois o que caísse tu o perderias como se fossem teus próprios membros. Responde-me: se alguém te houvesse dado ouro em pó, não o guardarias com todo o esmero e não tomarias cuidado para que não te caísse das mãos e para que nada se perdesse? Sendo assim, não deves com muito esmero cuidar de que não caia nem uma migalha daquilo que é mais precioso do que o ouro e as pedras preciosas?”* (Catequese Mistagógica V,21s).
86. **A distribuição da Comunhão é de responsabilidade do sacerdote celebrante e dos Diáconos.** Em nossa arquidiocese, como na maioria das dioceses do Brasil, há milhares de leigos e leigas que atuam como Ministros Extraordinários da Sagrada Comunhão Eucarística, encarregados da distribuição da comunhão. Esses ministros são auxiliares e não suplentes dos sacerdotes e diáconos. **Os fiéis comunguem normalmente de pé, de acordo com o que foi estabelecido pela nossa Conferência Episcopal.** *“Recomenda-se fazer, antes de receber o Sacramento, a devida reverência”.* Não se pode impedir de administrar a comunhão para quem desejar recebê-la estando ajoelhado (cf. *Redemptionis Sacramentum*, nº. 88 e 90).

87. **Todos os fiéis têm o direito de escolher receber o Sacramento diretamente na boca ou na mão, devidamente posicionadas e, por sua vez, devem comungar diante do Ministro**, não sendo permitido que se desloquem com a hóstia às mãos. Uma boa catequese a esse respeito precisa ser ministrada no tempo e no espaço oportunos.
88. **Nenhum dos fiéis poderá tomar a hóstia ou o cálice consagrados por iniciativa própria** ou que passem entre si, de mão em mão (vide Missal Romano). Até mesmo o Diácono, na celebração em que tiver participação, recebe das mãos do celebrante a comunhão sob as duas espécies.
89. Quanto à comunhão sob duas espécies, recomendo atenção ao que preceitua claramente o *Missal Romano* e a *Redemptionis Sacramentum*. O primeiro cuidado a ser observado é quanto ao número de pessoas presentes à Santa Missa, pois a comunhão sob duas espécies prevê um planejamento prévio que determine a quantidade, de ambas as espécies, suficiente para atender a todos. É necessário que seja verificada a qualidade do vinho e a quantidade de ministros extraordinários apropriadamente preparados, que atendam às necessidades da celebração. **Não se permita ao comungante molhar por si mesmo a hóstia no cálice, nem receber na mão a hóstia molhada. No que se refere à hóstia que se deve molhar, esta deve ser de matéria válida e estar consagrada, estando absolutamente proibido o uso de pão não consagrado ou de outra matéria** (*Redemptionis Sacramentum*, nº 102-104). Quando a comunhão é dada sob as duas espécies, ela deve ser dada diretamente na boca.

e) **Recomendações aos que exercem serviços litúrgicos**

90. Colaboradores dos presbíteros e diáconos, os **Ministros Extraordinários da Comunhão têm singular importância na ação litúrgica**. Solicito a atenção para algumas orientações.

- **Atentem-se para as necessidades e providências que antecedem à Celebração Eucarística**. Com discrição e reverência devem observar a organização do altar e do espaço celebrativo bem antes do início da Celebração, evitando-se “recados” ou dispersões durante a Celebração em razão de alguma providência não tomada no tempo oportuno.

- **Nos minutos que antecedem ao início da Procissão de Entrada, um silêncio orante deve tomar conta de toda a Assembleia, preparando-a para a celebração do grande mistério**. Ao chegarem ao Altar, os Ministros Extraordinários devem anteceder ao Padre, que é o último a subir os degraus do presbitério.

- **No Altar, em auxílio ao Presidente, devem se manter tão somente os Acólitos, que manuseiam, no momento oportuno, o microfone e o Missal**. Onde há a Capela do Santíssimo, os Ministros Extraordinários sentam-se ao lado. Os Ministros Extraordinários aproximam-se do Presidente apenas na ausência dos Acólitos e trazem o Missal para que sejam proclamadas as Orações de Coleta e Após a Comunhão.

- **Os leitores e o salmista poderão se sentar na primeira fila de bancos ou cadeiras, ao lado da Mesa da Palavra, de lá se deslocando com a devida reverência ao altar antes de se dirigirem ao ambão de onde se pronunciam solene-**

mente as Leituras Sagradas. Nunca é demais recordar que o Salmista não é um simples leitor e que existem melodias liturgicamente apropriadas para os salmos, que precisam ser ensaiadas com antecedência. A esse propósito, a comissão litúrgica da Arquidiocese realiza anualmente dois cursos de canto litúrgico.

- **Durante toda a Liturgia Eucarística, todos os que estão no serviço do Altar devem se manter em atitude de oração e reverência, evitando-se trânsitos desnecessários.** Toda a Assembleia também deve procurar manter-se em serena atenção, participando dos momentos apropriados e conservando um estreito laço espiritual com todo o ambiente celebrativo que tem o Altar como ápice e centro teológico.
- **Durante o Abraço da Paz, recomendo igualmente serenidade nos gestos, evitando-se manifestações de apreço pessoal** que muitas vezes extrapolam o sentido da verdadeira alegria que vem do Senhor. No momento em que o sacerdote pronuncia, apresentando Cristo à Assembleia, o *“Eis o Cordeiro de Deus...”*, todos devem estar com os olhos atentamente postos sobre este gesto, revelador de um profundo estado de comunhão com Cristo.

91. Estas recomendações estão aqui colocadas com o intuito de despertar nas Comunidades a reverência necessária para que possamos celebrar em Espírito e em Verdade o Mistério que nos faz irmãos. Não é demais lembrar que a liturgia é a ação de um corpo e não uma ação intelectualizada. A Igreja, Corpo Místico de Cristo, obra misteriosa que Deus realiza conosco, no Espírito Santo. Por isso, assim educa o Missal Romano *“Para se conseguir a uniformidade nos gestos e atitudes do corpo na mesma celebração, os fiéis devem obedecer às indica-*

ções que lhes forem dadas... de acordo com o que está estabelecido no Missal" (nº 43).

4 – O DOM DO ESPÍRITO SANTO NA VIDA ECLESIAL

92. **Do dom do Espírito todos nós precisamos, particularmente para viver dentro do tempo presente.** Se não faltam de certo as luzes que trazem consigo grandes esperanças, muitas são, porém, as sombras. O Espírito Santo é também, sem dúvida, o Espírito de consolação.
93. **Do dom do Espírito têm necessidade as várias vocações do povo de Deus.** Antes de tudo, aqueles que exercem um ministério ordenado ou que são chamados a uma vida de especial consagração. O Venerável João Paulo II já recordou que o *“convite do Senhor respeita sempre a liberdade dos chamados. Existem certos casos em que o homem, encontrando-se com Jesus, resiste à mudança de vida para a qual Ele o convida”* (Ecclesia in América, nº 8).
94. Pedro, como relata o livro dos Atos dos Apóstolos, constatando que se multiplicavam as tarefas da comunidade de Jerusalém, convocou a assembleia dos irmãos e fez a eles a seguinte proposta: *“Não é conveniente que abandonemos a Palavra de Deus para servir às mesas. Procurai, antes, entre vós, irmãos, sete homens de boa reputação, repletos do Espírito Santo e de sabedoria, e nós os encarregaremos desta tarefa. Quanto a nós, permaneceremos assíduos à oração e ao ministério da Palavra”.* **Dentro deste ano, os candidatos da nossa Escola Diaconal Santo Estevão** concluirão o seu quarto ano de preparação acadêmica ao Diaconato Permanente. Depois virá o Propedêutico, e, muito provavelmente, teremos, no futuro, vários diáconos permanentes à disposição da nossa Igreja. A situação pastoral de nossa Arquidiocese requer da parte dos presbíteros uma maior concentração

no anúncio da palavra e na oração. Muitos outros empenhos que absorvem a vida e o ministério dos presbíteros devem ser confiados aos diáconos de nossas comunidades. Entre os assuntos abordados nos encontros do tríduo do ano passado, havia aquele relativo ao **ministério dos presbíteros. Em uma Igreja que deve se tornar sempre mais missionária, também o diácono e o presbítero devem assumir um estilo de vida missionário inteiramente consagrado ao Evangelho.**

95. Toda nossa Igreja precisa refletir sobre o ministério e a vida dos presbíteros que vivem a serviço de nossas comunidades e sobre os diversos carismas da vida consagrada, perguntando-se quais as dificuldades que hoje encontram para viver estas vocações. Os cristãos são vocacionados a levar os pesos uns dos outros (*Gl 6,2*). Conseqüentemente, os fiéis leigos devem se perguntar quais sejam os pesos da vida de um presbítero. Todo presbítero precisa experimentar o apoio de sua comunidade. A paróquia é a sua família e nela deveria encontrar ajuda concreta, especialmente se é idoso ou com problemas de saúde. **As comunidades hão de aprender a falar a linguagem da fraternidade, da partilha, também com o presbítero que entrega sua vida pelos irmãos.**

96. **Do dom do Espírito Santo precisam aqueles que foram chamados à vida matrimonial.** Somente se os jovens cristãos descobrirem a sua vocação ao seguimento de Jesus e se deixarem conduzir pelo Espírito Santo, terão a força necessária para viver o seu amor em conformidade com o desígnio de Deus, que quis o homem e a mulher como uma só carne, imagem viva da Igreja, corpo místico de Cristo. Se os esposos e as famílias viverem na caridade de Cristo, poderão ser idôneos para anunciar o evangelho do amor humano conforme o projeto do Senhor.

97. As dificuldades que muitos casais hoje encontram para viver a **fidelidade de um único amor** têm, sem dúvida, uma multiplicidade de causas sociais e culturais. Com certeza influenciou também a lei do divórcio em nossa legislação. O sinal de que a consciência do valor do matrimônio como sacramento está em queda é o de que não nos causam mais estranheza as separações e os divórcios que acontecem por qualquer motivo. Aumentam espantosamente os casais jovens que iniciam uma convivência sem celebrar, sequer, o matrimônio civil. Sintoma ulterior da crise do matrimônio é o baixo índice de natalidade, sobretudo nas classes média e alta. Também aqui há uma multiplicidade de fatores que influem negativamente, chegando até à falta de políticas públicas que ofereçam uma concreta ajuda às famílias com filhos. Nessa situação, não são suficientes os encontros que nossas paróquias oferecem ao jovem para uma adequada preparação para o sacramento do matrimônio. Nem é suficiente uma preparação que considere as diversas situações que os casais experimentam nas diversas etapas de sua vida familiar, matrimonial e pessoal.
98. Na oração do *Angelus* em 10/10/2006, Bento XVI ensinou que *“a comunidade doméstica está chamada a ser sinal do amor de Deus para com todos”*. **Devemos tomar sempre mais consciência de que a escolha do matrimônio cristão é uma verdadeira vocação**, análoga àquela dos que recebem do Senhor o chamado ao ministério diaconal e presbiteral ou que seguem o Senhor na vida consagrada. Muitos jovens se casam sem “vocação”. Em outras palavras, jamais verificaram qual seja o projeto de Deus para suas vidas. É necessário, então, que as nossas comunidades se tornem capazes de propor aos jovens uma impostação de vida que os leve a um discernimento vocacional. O *Centro da Família*, que as queridas Irmãs do Instituto Coração de Jesus estão fundando, aqui

em Goiânia, nos enche de esperança no que concerne à formação cristã dos casais e das famílias.

99. **Do dom do Espírito precisam os jovens.** A Pastoral juvenil é uma urgência para a nossa Igreja. Os jovens vivem hoje em uma situação de grande confusão porque as perspectivas que eles têm não são encorajadoras. Contudo, também eles são chamados a “caminhar conforme o Espírito”. Urge, portanto uma educação para a Fé que os possibilite enfrentar as dificuldades do momento presente, ajudando-os de modo a não viver a escolha de uma profissão por razões meramente econômicas.
100. O tema da educação ao amor e à vida sexual não pode ser desconsiderado. Na cultura do nosso tempo, prevalece uma visão da sexualidade desligada do amor pessoal segundo o desígnio de Deus. Ao mesmo tempo, a cultura dominante e os condicionamentos sociais induzem a separar o amor do casal e a relação sexual, ainda que vividos dentro do matrimônio. Tem-se como consequência o não amadurecimento da natural vocação da pessoa à maternidade e à paternidade.
101. A Igreja Católica, *“sendo uma das organizações que têm mais experiência acumulada e sistematizada no trabalho com a juventude”* (CNBB, Doc. 85, nº 49), nutre pelos jovens um grande apreço e amor maternal. Por isso, nossa Arquidiocese continuará se esforçando por apresentar o próprio Cristo *“numa profunda interioridade mútua”* entre Ele que é Caminho, Verdade e Vida e os jovens, dentro de sua dinâmica juvenil própria. Porém, **o seguimento a Cristo exigirá da parte dos jovens uma profunda atitude de escuta do clamor do Espírito Santo e uma orientação de sua vida e seus valores segundo Cristo, medida e estatura perfeita da pessoa humana.** Por isso, em nossa Arquidiocese, faz-se necessário que todos os or-

ganismos eclesiais, pastorais e movimentos, que têm na juventude um campo de missão, somem esforços para que, na unidade da Igreja, possam contribuir para orientar a vida dos jovens segundo a espiritualidade cristã. Isso implicará uma atitude pedagógica de educação para a afetividade, para a sexualidade como canais da graça de Deus. Peço às famílias, aos pais, de modo especial, uma atenção à missão de educar seus filhos também nesse campo.

102. Por ocasião das comemorações dos 20 anos de publicação da *Familiaris Consortio*, em dezembro de 2001, o Pontifício Conselho para a Família exortou ao término daquele Congresso Teológico-Pastoral: **“Os pais devem saber e sentir que são responsáveis pela educação sexual dos filhos.** Esta responsabilidade permanece, mesmo quando a educação sexual é feita através das outras comunidades educativas. É, em primeiro lugar, mediante o testemunho do seu amor conjugal e do seu respeito recíproco que saberão convidar os filhos a descobrir a beleza do amor responsável, no âmbito da verdade e da formação para a autêntica liberdade. Muito cedo, os pais terão a preocupação de educar os filhos nos valores humanos de generosidade, da doação de si, do respeito pelo próximo, do domínio de si e da temperança”.

103. **Do dom do Espírito Santo necessita nossa Pontifícia Universidade Católica**, para a qual destinei minha última Carta Pastoral. A PUC Goiás é uma instituição da Arquidiocese de Goiânia profundamente integrada à Igreja pela Sociedade Goiana de Cultura, sua Mantenedora, que é face jurídica da Arquidiocese de Goiânia. Agora vinculada mais estreitamente à missão do Santo Padre, a PUC Goiás crescerá mais fecundamente buscando, no Espírito Santo, a força e os dons necessários para cumprir sua missão no mundo das

ciências, da educação, da pesquisa, da ação social, da formação de lideranças para atuar na construção de uma sociedade justa e solidária. Que o Espírito Santo assista nossa Universidade e a inspire, sempre, a prosseguir no caminho de Cristo Mestre.

104. **Do dom do Espírito precisam todos os cristãos**, já que, por natureza e identidade, o cristão vive em terra estrangeira e encontra muitas dificuldades em seu caminho. A experiência do cristão em cada época nos ensina que o Espírito vem em socorro da nossa fraqueza, quando esta parece beco sem saída. Depois de terem sido presos com a imposição para não falar mais de Jesus, após a cura do aleijado à porta do Templo, os apóstolos foram relatar o fato à comunidade dos irmãos, e todos juntos rezaram. Tendo eles assim orado, tremeu o lugar onde se achavam reunidos. “E todos ficaram repletos do Espírito Santo, continuando a anunciar com intrepidez a palavra de Deus (*Atos 4,31*).
105. O cristão hoje vive em contato com situações difíceis e é todo dia provocado por problemas que o interpelam, enquanto experimenta a própria incapacidade de se opor a eles de maneira eficaz. O cristão, antes de tudo, não pode resignar-se diante dessas situações que não são queridas por Deus, que ama cada homem e mulher **naquilo que cada um verdadeiramente é, como filhos do Pai Eterno. Ele sabe que o Espírito Santo é o Espírito de Fortaleza**, que transforma a fraqueza em poder de Deus. Com a força do Espírito, o cristão pode enfrentar os testemunhos mais difíceis e superar a cultura da resignação e da indiferença. Permanecer indiferente diante das necessidades pode comportar um fechamento ao dom do Espírito que nos habilita a intervir e buscar alguma solução, mesmo que modesta, para as necessidades dos irmãos.

106. Assim, o cristão combate a doença e o sofrimento, ainda que, por mandato do Senhor, deva saber acolher, sustentado pela força do Espírito, os tempos da prova, recordando que o Senhor nos conduz em cada momento e em cada situação. Por essa razão, o cristão é testemunha de esperança e, nos tempos da prova, dá razão da esperança que está nele (cf. *1Pd 3,15*). **Fugir por todos os meios das dificuldades que encontramos em nossa vida nos fecha à iniciativa de Deus e nos impede de experimentar “as suas surpresas”**. Ele, com efeito, não cessa de vir ao encontro dos filhos que nele confiam, mesmo que sejamos levados a trilhar o caminho da cruz.

107. As *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora* para o último quadriênio (2007-2010) apontavam este caminho de compromisso da Igreja: **“Cada diocese será uma ‘comunidade missionária’** à medida que fortalecer não apenas sua consciência missionária, com gestos concretos de ida ao encontro dos outros, mas também responder aos grandes problemas da sociedade onde se encontra. Esses desafios exigem imaginação e criatividade para chegar às multidões. Em se considerando a cultura urbana, é preciso um estilo pastoral adequado que atinja as pessoas através de práticas pastorais e estruturas evangelizadoras. De modo especial, pois que os pobres são a maioria da população, a Igreja deverá assumir mais efetivamente o desafio missionário com o espírito evangélico que a anima, sendo realmente a “casa dos pobres” (CNBB Doc. 87, DGAE, nº 9).

108. De resto, Jesus, ao prometer o Espírito aos apóstolos, fala também das **hostilidades que encontrariam no exercício de sua missão e acrescenta: “Quando vier o Paráclito, que vos enviarei de junto do Pai, o Espírito da Verdade, que vem do Pai, ele dará testemunho de mim. E vós também dareis testemunho, porque estais comigo desde o princípio”** (Jo 15, 26-27).

O que diz o Espírito Santo à Arquidiocese de Goiânia?

110. **Diz-nos:** *“Estai firmes num só espírito e lutai juntos com uma só alma, pela fé do Evangelho”* (Fl 1,27). Diz-nos também: reconciliai-vos, uni-vos, compreendei-vos dentro da Igreja. Sede todos filhos do mesmo Pai, tende a mesma dignidade. Sede todos irmãos em Jesus Cristo.
111. **Aos bispos:** que diz o Espírito Santo a nós, bispos? Diz: conservai e consolidai a vossa unidade, vivei em total harmonia, tende um mesmo amor, um mesmo coração, procurai a unidade. Sede sinais viventes de comunhão nas comunidades que vos foram confiadas para prolongar de modo visível o serviço de Cristo no meio do seu povo.
112. **Aos padres:** o Espírito, especialmente neste ano sacerdotal, convida os sacerdotes a redescobrirem o significado do seu serviço sacerdotal através do testemunho de uma vida santa totalmente doada, à imagem de Cristo, o bom Pastor. Esse ministério só será plenamente fecundo se for vivido em estreita comunhão dos sacerdotes entre si e com o bispo. Nenhuma linha, nenhuma orientação circunstancial é infalível nem pode ser definitiva e perpétua. **Na Igreja, a única linha permanente é a fidelidade ao Evangelho de Jesus em seu conjunto, e o serviço ao bem religioso e moral de todo o Povo de Deus.**
113. **Aos diáconos:** o Espírito Santo convida os diáconos, permanentes e transitórios, para que consagrem suas vidas como autêntica expressão do serviço à Igreja e, nela, a todo o povo de Deus; convida para serem a presença e testemunhas de Cristo Servo, nos mais diferentes ambientes onde se encontrarem, em profunda e íntima comunhão com Cristo, fonte de todo ministério eclesial.

114. **Aos religiosos e religiosas:** O Espírito convida os religiosos e as religiosas a dar testemunho, com a própria vida e de modo visível, de sua fidelidade ao dom que Deus faz à Igreja, através do seu carisma, do qual são os herdeiros e guardiões. Convida-os também a ser na Igreja, cada dia mais, os sinais vivos do reino que vem e a conservar um espírito de comunhão que dê à sua vida e às suas ações toda a sua fecundidade eclesial.
115. **Aos leigos e leigas:** O Espírito convida os nossos leigos e leigas a tomarem consciência, novamente e de modo sempre mais aprofundado, acerca de sua vocação e da identidade de discípulos missionários de Cristo, que os chamou e consagrou através do batismo e da confirmação. Exorta-os a serem testemunhas da sua fé no centro da própria vida e a dar ao mundo, na inserção na vida social, as razões de sua esperança (cf. *1Pd 3,15*). E a trabalharem em todos os âmbitos da vida pessoal, familiar, social e política, em nome do amor de Cristo que conquistou o coração de cada pessoa. Poderão, assim, animar a nossa sociedade permeando de espírito cristão as realidades terrenas e humanas. **Que o nosso laicato**, sob o influxo do Espírito Santo, se empenhe, qualquer que seja sua condição, em defender a dignidade e os direitos da pessoa humana e em promover o advento de uma sociedade mais justa e solidária!
116. **A todos os membros da Igreja:** O Espírito convida, por fim, a toda a Arquidiocese para que evite perigos e tentações como a rotina, o funcionalismo, a instalação; que ninguém caminhe sozinho ou seja “franco-atirador”; que não se queira complicar desnecessariamente as coisas (não somos máquinas que, a todo custo, pretendem cumprir objetivos e ações programadas); que não se imponha o que é particular de cada pessoa ou comunidade como algo que deva impor-

se sobre os demais; que ninguém sucumba ao perigo das pretensões desmedidas, o que indica um déficit eclesiológico. Esses perigos e tentações que nos cegam são muito reais e podem traduzir-se, tal como sinalizou Henri De Lubac nas vésperas do Concílio Vaticano II, em: **desencanto**: “Nós acreditávamos...”, como vemos na experiência dos discípulos de Emaús; **nostalgia do passado**, instalados numa melancolia complacente; **hostilidade** ou enfrentamento permanente com “os outros” (“os pastores e os da base, os da direita ou da esquerda, os meus ou os contrários”...); **ressentimento** com os que abandonaram ou com os que não caminham com o nosso ritmo; **permanente acusação**, que me isenta de culpas e que busca bodes expiatórios constantemente; **fechar-me em meu grupo** ou comunidade de amigos, em meu gueto e identificar a pastoral (e a Igreja) com os meus e com a minha causa; **crítica destrutiva**, sob a capa de pureza da fé ou de atitudes unilaterais; **ressentimento**, pessoal ou coletivo, por não ter sido valorizado ou não ter adquirido um protagonismo maior. Por tudo isso, é necessário recordar que é mais importante o que vivemos do que o que fazemos. São mais importantes as pessoas concretas do que as atividades. Mais relevantes as relações do que as agendas cheias.

Opção pelos pobres e pelos jovens

117. No Sínodo, a nossa Arquidiocese, em total sintonia com a Igreja na América Latina e no Caribe, deseja renovar a sua opção pelos pobres e pelos jovens. **Trata-se dos pobres entendidos não como lugar sociológico, mas como pessoas concretas; são pessoas feridas em sua personalidade, vontade e autoestima**, que buscaram no sexo, no álcool e nas drogas a resposta aos seus problemas. São pobres que não estudam ou desertaram da escola, filhos de famílias destruídas, esposos traídos no seu juramento matrimonial. São

os que perambulam pelas cidades de nossa Arquidiocese sem rumo certo e sem destino em suas vidas. São os jovens e adultos mergulhados nos mais diversos tipos de crimes, vivendo um submundo perigoso e desumano.

118. No tempo da Quaresma estivemos empenhados em refletir, para crescer em conversão, sobre o que a economia divinizada tem feito de ruim na vida das pessoas, especialmente dos jovens e dos pobres, na vida das comunidades, das sociedades e do mundo inteiro. Ir. Rita Petra Kallabis, religiosa atuante em nossa arquidiocese, tem nos ajudado a perceber que “hoje em dia, vivemos em algo que pode ser chamado de mercado total. Querem nos fazer crer que a economia seja a força propulsora da sociedade. Mas, a economia, por definição, é a maneira como uma sociedade organiza a produção e a distribuição dos bens e serviços para atender às suas necessidades. Se a economia perder seu lugar dentro da sociedade e se sobrepuser ao Estado e à Comunidade, ela se diviniza. O ‘mercado total’ apresenta-se a si mesmo como sem alternativa, tudo tem que passar por ele e ser intermediado por ele. O mercado torna-se uma religião, um sistema de crenças. E ele se apresenta onipotente. Todas as soluções deveriam vir da economia: elas são avaliadas em dólares ou reais, qualquer medida passa pelo crivo do custo e benefício. Esta onipotência recebeu uma expressão como nome: não há alternativa. A maneira como tratamos da economia é como se trata de uma religião e exige-se, pelo senso comum, o credo no mercado, como se a economia de mercado – entendido como modelo do capitalismo financeirizado – fosse o único modelo possível. **Precisamos tirar a Tina das nossas cabeças”.**

119. Ir. Rita ainda lembra que “esses fenômenos atuais são de alcance global, planetário, e atingem tal intensidade que

nos ameaçam levar a uma estrada sem retorno. A incapacidade de criar uma governança global para deter o avanço do efeito estufa, isto é, do aquecimento global, é o exemplo mais proeminente disso. E a crise mundial de hoje, tratada como crise financeira, encobre, na verdade, três profundas crises globais: a crise de alimentos, a crise energética e a crise ambiental. Os riscos dos problemas acumulados exercem uma pressão crescente sobre os governos. Estes, por sua vez, são avaliados por sua capacidade de responder a essas pressões e tendem a se desestabilizar à medida que não tiverem sucesso. A questão é se seremos capazes de responder politicamente a tempo aos problemas postos. “Temos tecnologias para restaurar os sistemas naturais de suporte da Terra, para erradicar a pobreza, para estabilizar a população, para reestruturar a economia energética mundial e o clima. O desafio agora é construir vontade política para fazê-lo. Salvar a civilização não é um esporte para espectadores. **Cada um de nós possui um papel de liderança a representar**”.

120. **Que coisa dirá o Espírito, ao longo deste ano, à nossa Igreja, a propósito dos membros sofridos do corpo de Cristo?** Não queremos que um dia Jesus Cristo nos venha a censurar porque era faminto, prisioneiro ou forasteiro e nós não o acolhemos. Será necessário falar de uma conversão dos corações, de sensibilidade, de urgências? Saberemos envergonhar-nos diante de situações de tanta violência, insegurança e preocupação social?
121. **Urgente se torna o exercício de uma Pastoral Social propositiva,** que saiba entrelaçar-se crítica e construtivamente com o poder público, que saiba animar Paróquias e Comunidades a assumirem sempre mais o profetismo social que o Espírito Santo faz suscitar como sinal testemunhal daque-

les que aderem à fé. Recordo o que o Papa Bento XVI exortou na Conferência de Aparecida: *“Só da Eucaristia brotará a civilização do amor que transformará a América latina e o Caribe para que, além de ser o Continente da esperança, seja também o Continente do amor!”* (DA, nº 128). O próximo ano, a Deus prazendo, no calendário da nossa preparação sinodal, será o ano da CARIDADE.

O Espírito ilumina o Amanhã

122. Quando consideramos os acontecimentos do nosso tempo, somos levados ao pessimismo, porque nos parecem bem maiores os sinais negativos e prevalecem as lógicas de morte e de violência. Esperar um mundo de fraternidade, de justiça e de paz parece ser pura evasão da lógica da história e fruto de ilusão gratuita. Contudo, **Deus ama o homem e o mundo sob o senhorio de Deus.**
123. No dia de Pentecostes, a liturgia proclama que o *“Espírito de Deus encheu o universo”* e, de consequência, Deus, por meio do seu Espírito, trabalha no coração da história, não obstante as contradições e a presença do pecado e do demônio, que permanecerá até à parusia o adversário de Deus e do Evangelho, e fará guerra aos discípulos do Senhor (cf. *Ap 12,17*). Fica, porém, certa a palavra de Jesus aos seus discípulos: *“No mundo tereis tribulações. Mas tende coragem: eu venci o mundo!”* (Jo 16,33).
124. Não nos esqueçamos de que a nós, depositários de uma mensagem e protagonistas da salvação da humanidade, foi ordenado: *“Sobe a um alto monte, mensageira de Sião; eleva a tua voz com vigor, mensageira de Jerusalém; eleva-a, não temas; dize às cidades de Judá: Eis aqui o vosso Deus!”* (Is 40,9).

125. Finalizando esta Carta, **desejo confiar ao Senhor todos vós, as vossas famílias e comunidades, para que juntos o glorifiquemos com a nossa vida.** Faço-o com as extraordinárias palavras do apóstolo Paulo: “Àquele que tem o poder de vos confirmar segundo o meu evangelho e a mensagem de Jesus Cristo – revelação de um mistério envolvido em silêncio desde os séculos eternos, agora, porém, manifestado e, pelos escritos proféticos e por disposição do Deus eterno, dado a conhecer a todos os gentios, para levá-los à obediência da fé – a Deus, o único sábio, por meio de Jesus Cristo, seja dada a glória pelos séculos dos séculos!” (*Rm 16,25-27*).

Em Cristo Crucificado e Ressuscitado! Feliz Páscoa!

*Arquidiocese de Goiânia, 4 de abril de 2010.
Páscoa de Nosso Senhor Jesus Cristo,
2º Ano de preparação para o Sínodo Arquidiocesano.*

Dom Washington Cruz, CP
Arcebispo Metropolitano de Goiânia